UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

FRANCISCANISMO NO BRASIL

Do Turismo Religioso ao Turismo Voluntário na
Província da Imaculada Conceição no Brasil

Renê Corrêa do Nascimento

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

FRANCISCANISMO NO BRASIL

Do Turismo Religioso ao Turismo Voluntário na
Província da Imaculada Conceição no Brasil

Renê Corrêa do Nascimento

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na área de concentração Relações Públicas, Propaganda e Turismo, na linha de pesquisa Turismo e Lazer como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Mirian Rejowski.

São Paulo
2008

*“Tudo posso, Naquele que me fortalece...”
(Filipenses, 3:14)*

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente:

Prof.(a). Dr.(a).

Membros:

Prof.(a). Dr.(a).

Prof.(a). Dr.(a).

Prof.(a). Dr.(a).

Prof.(a). Dr.(a).

*Aos meus pais, Lino e Palmyra,
por tudo, inclusive a saudade...*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Miriam Rejowski, talento e competência, meu porto seguro nas andanças de meu doutoramento;

Ao Prof. Dr. Mário Calos Beni, sempre o farol albergador de todos nós;

Aos meus familiares, pilares de resistência para a conclusão desta etapa;

Ao meu quarteto da Puc Minas em Poços de Caldas, Ana, Lu, Roberta e Flávio, o coletivo de minhas conquistas acadêmicas;

Aos meus alunos, a quem homenageio e agradeço através da querida Francine;

Aos franciscanos menores, mentores indiretos de minha consciência fraterna;

A Francisco de Assis, minha referência espiritual e anárquica, que Ele quis como santo;

E, sobretudo e a todos, a Deus, minha luz, minha eterna claridade...

NASCIMENTO, Renê Corrêa do. **Franciscanismo no Brasil**: do turismo religioso ao turismo voluntário na Província da Imaculada Conceição no Brasil. São Paulo: USP, 2008. (Tese de Doutorado).

RESUMO: Pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, sobre a presença do turismo na Província Franciscana de Imaculada Conceição no Brasil, que objetiva compreender a ocorrência do turismo voluntário nessa Província, como interstício emergente na integração entre diferentes motivações vigentes na conformação de um novo paradigma das viagens turísticas. Com base em observações assistemáticas, bibliografia e entrevista semi-estruturada com *experts*, discorre sobre a Hospitalidade, Turismo e Voluntariado, com destaque para as questões do trabalho voluntário e do turismo voluntário. Em seguida, trata da cultura franciscana e o franciscanismo no Brasil, a partir registros oficiais, matérias da imprensa, obras específicas, além da própria vivência do autor junto a essa comunidade. Desenvolve pesquisa sobre o turismo voluntário na Província, a partir de entrevistas semi-estruturadas junto a franciscanos e seus representantes diretamente envolvidos no planejamento e na operacionalização do turismo voluntário. Os resultados obtidos são analisados enfocando diversos aspectos como o conhecimento das ações e projetos, a aceitação de voluntários, as características das viagens, o perfil do turista voluntário e repercussões das mesmas. Dentre as conclusões destaca-se a falta de dados sistematizados sobre esse segmento no âmbito da Província, e a pouca atuação de turistas voluntários brasileiros na Província.

Palavras-chave: Turismo e cultura franciscana; voluntariado; turismo voluntário; características e reflexos; Província Franciscana da Imaculada Conceição; São Paulo; Brasil.

ABSTRACT: This is an exploratory-descriptive research of qualitative character, about the presence of the tourism in the Franciscan Province of Imaculada Conceição - Brazil -, and aims to comprehend the occurrence of the volunteer tourism in that Province, as an emergent interstice in the integration among different motivations that appears in the configuration of a new model of the touristic travels. Based upon unsystematic observations, bibliography, and semi-structured interview with expert, it is about the Hospitality, Tourism and voluntary service, underlining the volunteer work and volunteer tourism questions. Going ahead it is about the franciscan culture and the 'franciscanism' in Brazil from the official records, press matters, specific works, beyond the own author's experience next to that community. It is a developed research about the volunteer tourism in the Province, from the semi-structured interviews with the franciscans and their representatives straightly involved in the planning and in the execution of the volunteer tourism. The obtained results are analyzed focusing several aspects as the actions and projects knowledge, the acceptance of volunteers, the characteristics of the journeys, the profile of the volunteer tourist and therepercussions of the same. Among the conclusions we stress the absence of systematized data about that segment in the extent of the Province, and to the little action of Brazilian volunteer tourists in the Province.

Keywords: Tourism and franciscan culture ; voluntary service; volunteer tourism; characteristics and reflexes; Imaculada Conceição Franciscan Province; São Paulo; Brazil.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Destaque de matérias sobre turismo voluntário veiculadas na Internet
47

Tabela 2 – Cronologia de Acontecimentos Importantes dos Franciscanos no Brasil
59

Tabela 3 – Província da Imaculada Conceição do Brasil – Estado de São Paulo
65

Tabela 4 - Atuação do SEFRAS na cidade de São Paulo **68**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE, TURISMO E VOLUNTARIADO 16

1.1 Hospitalidade 16

1.1.1 Aspectos Evolutivos 16

1.1.2 Domínios 19

1.1.3 Abordagens teóricas 21

1.2 Turismo 24

1.2.1 Considerações Gerais 24

1.2.2 Em Busca de Novos Paradigmas 28

1.2.3 Turismo Religioso 32

1.2.4 Turismo Alternativo 37

1.3 Voluntariado e Turismo 40

1.3.1 Voluntariado e Trabalho 40

1.3.2 Relacionamento entre Turismo e Voluntariado 44

1.3.3 Conceituação e Características do Turismo Voluntário 49

CAPÍTULO 2 – TURISMO VOLUNTÁRIO NA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO NO BRASIL: Visão dos Responsáveis na cidade de São Paulo (SP) 54

2.1 Apontamentos sobre a Cultura Franciscana 54

2.1.1 Reminiscências sobre Francisco de Assis 54

2.1.2 Franciscanismo no Brasil 57

2.2 Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil 60

2.2.1 Breve Histórico 60

2.2.2 Caracterização Geral 62

2.2.3 Ações Religiosas e Solidárias 66

2.2.4 Patrimônio e Turismo Religioso 71

2.3 Turismo Voluntário em Análise 75

2.3.1 Considerações Gerais 76

2.3.2 Processo do Voluntariado 80

2.3.3 Perfil dos Turistas voluntários 84

2.3.4 Reflexos do Voluntariado no Turismo e na Hospitalidade 87

CONSIDERAÇÕES FINAIS 91

BIBLIOGRAFIA 96

INTRODUÇÃO

As pesquisas em Turismo, hoje, buscam investigar as múltiplas realidades e apresentar as possibilidades de complexas e amplas variáveis, que podem proporcionar uma consolidação da atividade nos mais diferentes cenários. Sabe-se que no paradigma tradicional da oferta turística, prevalecem sobremaneira os estudos que investigam o produto material, amplamente utilizado na atividade. Entretanto, questões referentes à cultura imaterial tornam-se cada vez mais significativas e urgentes, no corolário de opções possíveis, considerando a velocidade das transformações advindas do processo de globalização que, se por um lado busca a homogeneização e padronização dos usos e costumes, por outro carrega em si a própria contraditoriedade, quando se vislumbra a emergência das identidades locais e particulares que se materializam nas culturas imateriais.

Nesse sentido, permite-se uma observação que se baseia na idéia, na emoção e na constatação a partir da experiência do autor como docente, pesquisador e observador do ser humano e, mormente, do turismo: o turismo poder ser o qualificativo de uma “filosofia do ser”, posto que também alberga em seu bojo as atitudes de vida, as condutas eleitas, a ética global, a defesa da vida e do meio ambiente, e a defesa e exercício de liberdades; conduz a uma busca permanente de agregação mundial e livre trânsito de todos os habitantes do planeta, atitudes fraternas e solidárias, para dizer o mínimo de sua expressão manifesta; mas nele ainda estão presentes os sentimentos, as motivações individuais, a relação fraterna e hospitaleira, os sonhos, as ilusões, os imaginários pessoais e coletivos, o gosto do inusitado apreendido, a procura da felicidade...

Esta pesquisa tem origem na trajetória do autor quem vem realizando atividades voluntárias desde a época da sua graduação com os Projetos Rondon na década de 1970, e mais tarde junto aos franciscanos da cidade de São Paulo, a partir da década de 1980, além de outras atuações esporádicas pontuais. Antes da

realização do presente estudo, o autor não tinha consciência do seu voluntariado, o qual se tornara uma parte do seu cotidiano principalmente na época pré-natalina.

Também importa ressaltar que, embora sempre tenha havido a preocupação em estudar a ação dos franciscanos e sua relação ao turismo no Brasil, pensou-se inicialmente em abordar as questões do planejamento turístico regional e a configuração de um "cluster" turístico fundamentado na cultura franciscana de algumas províncias. Pensando na complexidade e abrangência dessa proposta, e as dificuldades temporais e de deslocamento, fixou-se espacialmente a pesquisa em uma província – a da Imaculada Conceição que abrange estados das regiões Sul e Sudeste.

A partir desta delimitação, percebeu-se que havia necessidade de restringir ainda mais o tema e o objeto de estudo, o que somente aconteceu na medida em que o autor "mergulhou" na literatura especializada pouco abundante e na própria descrição da referida Província. Nesse mergulho, a princípio sem muito direcionamento, encontrou um porto seguro em um texto sobre autenticidade e turismo, cujo estudo indicava como uma das tendências afluentes na sociedade globalizada o voluntariado turístico. Neste momento o tema da pesquisa ficou claro e o problema central desta tese emergiu naturalmente como o seguinte:

- Como o turismo voluntário se faz presente na Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil?

Mas ainda assim, considerando que essa Província abrange vários Estados brasileiros, teve-se que novamente restringir o estudo, para a sede da mesma, situada na cidade de São Paulo, que organiza, recebe e acolhe, inicialmente, os voluntários estrangeiros e brasileiros que se destinam a exercer diversos trabalhos em projetos e as ações solidárias dos franciscanos no Brasil. Também, viu-se de imediato a importância de estender o estudo a todos os agentes e atores envolvidos no turismo voluntário, mas igualmente percebeu-se a impossibilidade de tal abrangência. Modestamente optou-se por pesquisar um grupo de sujeitos envolvidos, a fim de iniciar o "domínio" sobre um tema inovador e estimulante para

estudos futuros – os responsáveis ou representantes dos franciscanos na cidade de São Paulo, envolvidos diretamente com as atividades de voluntariado e do turismo no âmbito da Província.

Esta pesquisa fundamenta-se, portanto, na análise e discussão do turismo voluntário entendido como as viagens turísticas que aliam a prestação de serviços voluntários dirigidos às causas sociais com outras motivações turísticas, interagindo de forma ativa em uma “experiência de vida”. Tem como objetivo principal compreender a ocorrência do turismo voluntário nessa Província, como interstício emergente na integração entre diferentes motivações vigentes na conformação de um novo paradigma das viagens turísticas. Para tanto, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreender a relação entre turismo e voluntariado como uma das tendências de segmentação das viagens turísticas, tendo como fundamento à mudança de paradigmas que as norteiam;
- Demonstrar e analisar as características do turismo voluntário na Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil, a partir da visão dos seus representantes diretamente envolvidos neste segmento;
- Discutir os reflexos dessas viagens como uma extensão que transcende o próprio turismo religioso e o turismo alternativo, e se constitui em um novo segmento turístico que amálgama e integra motivações religiosas, culturais, solidárias e de lazer.

Mas, ainda assim, por tratar-se de um estudo e uma análise emergente fundamentado na pouca bibliografia nacional e internacional específica sobre o tema, consubstancia um esforço inicial de reflexão sobre o turismo na cultura franciscana no Brasil e seus efeitos até os tempos hodiernos. Sua importância parte do pressuposto de se ter visualizado uma série de fatores revestidos como antecedentes básicos que, tratando das questões franciscanas dentro da contemporaneidade e deste momento global, refletem interpretações múltiplas. Uma delas refere-se à

atuação social franciscana, compreendendo-se nesta o propósito da ação solidária, vertente da própria característica e filosofia franciscana, produzindo, construindo e atendendo a favor de um segmento da sociedade exposto a um sistema e a uma realidade excludente.

Ressalta-se a relevância desta tese em razão das tímidas publicações acadêmicas existentes sobre alguns temas mais emergentes, tais como turismo de edificações, turismo religioso, turismo indígena e, por que não dizer, de um turismo evocativo de embates ideológicos e de sobrevivência de grupos humanos e culturais, também denominado, *a priori*, de turismo alternativo, e, particularmente, de turismo voluntário...

A presente tese apresenta duas faces: a recuperação do valor histórico de uma herança solidária e fraterna, bem como da realidade que a alicerça e dos seus reflexos em práticas turísticas. Neste sentido, um estudo sobre a ordem franciscana reveste-se de importância, considerando que a religiosidade e hospitalidade do povo brasileiro deve ser considerado um dos elementos capitais na formação de sua identidade, e, obviamente, do turismo brasileiro.

Quando se produz, por meio de bases científicas, obedece-se a critérios da metodologia para atingir as suas finalidades. No campo de estudo do turismo há de se considerar a abrangência de grande diversidade de possibilidades afetas que são cientificamente aceitas e, portanto, esta multidisciplinaridade vem a ser extremamente ampla e complexa, possibilitando análises quantitativas e qualitativas. Muitos autores não distinguem com clareza métodos quantitativos e qualitativos, por entenderem que a pesquisa qualitativa é também, de certo modo, quantitativa. Isso se deve, principalmente, pelo fato de se tratar de um trabalho que analisa fatos e processos localizado no desenvolvimento das Ciências Sociais em que fazem parte as ciências empíricas. O fundamental, nesse sentido, é apresentar a importância dos métodos para a análise do fenômeno turístico, além de entender a sua realidade e o momento histórico nela representado (DENCKER, 2001).

Esta pesquisa, de caráter exploratório-descritiva, utiliza a abordagem qualitativa, buscando compreender os fenômenos segundo as perspectivas dos sujeitos. Assim sendo, a metodologia adotada foi fundamentada em três eixos

norteadores – religiosidade, hospitalidade e turismo -, a partir do que foram utilizadas as seguintes técnicas/instrumentos para o seu desenvolvimento:

- Observações assistemáticas sobre as atividades de voluntariado junto à comunidade dos franciscanos na cidade de São Paulo, em especial nos dois últimos anos, por ocasião da "Ceia de Natal dos Sofredores de Rua" Tais observações situam-se na fase exploratório desta pesquisa, aproximando o autor à primeira compreensão da problemática pesquisada.
- Levantamento e análise da bibliografia e documentos, impressos ou eletrônicos, sobre Hospitalidade, Turismo e Voluntariado, com destaque neste último para as questões do trabalho voluntário e do turismo voluntário. Para tanto foram consultados acervos de bibliotecas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, da Universidade Anhembi Morumbi e da Pontifícia Universidade Católica de Poços de Caldas, além de bases de dados, nacionais e internacionais, em especial de artigos de periódicos e de dissertações e teses.
- Entrevista semi-estruturada com Dr. Mário Carlos Beni, professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e estudioso renomado na área do Turismo, que discorreu sobre a tendência de segmentação do turismo contemporâneo, fundamentado nos movimentos globais.
- Coleta, seleção e análise de documentos sobre a cultura franciscana e o franciscanismo no Brasil, a partir registros oficiais, matérias da imprensa, obras específicas sobre o franciscanismo, além da própria vivência do autor junto a essa comunidade.
- Entrevistas semi-estruturadas junto aos seguintes sujeitos de pesquisa, em outubro de 2008, levantando a sua visão sobre a ocorrência do turismo voluntário na Província Franciscana de Imaculada Conceição no Brasil: Frei Johannes Bahlmann, Diretor Geral do Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS), Frei José Francisco de Oliveira, Coordenador do SEFRAS,

Giovanni Bezerra, Gerente de Captação de Recursos do SEFRAS e Olívia Bufarah

Os resultados obtidos são descritos e analisados a partir de dois capítulos, um dedicado à Hospitalidade, Turismo e Voluntariado, e o outro especificamente ao Turismo Voluntário na Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil, a partir dos seguintes tópicos: apontamentos sobre a Cultura Franciscana, aspectos gerais, religiosos, solidários e turísticos dos franciscanos na Província Franciscana da Imaculada Conceição e análise do Turismo Voluntário com base na visão dos responsáveis desse segmento na sede da mesma.

A relevância do legado histórico-cultural e social dos franciscanos insere-se em um processo contínuo, embora multifacetado e diluído numa imensidão de atores, de acumulações de experiências, de comunicação inter-regional de efeitos, de persistência e permanência de ações, da iniludível dicotomia entre o saber fazer o que em diferentes estruturas e o como fazer em conjunturas distintas e em aceleradas transformações. Em suma, observa-se a concretude de conhecimentos, aspirações e atos até ontem idealizados, concebidos e realizados.

CAPÍTULO 1

HOSPITALIDADE, TURISMO E VOLUNTARIADO

Este capítulo trata dos fundamentos teóricos da Hospitalidade e do Turismo, considerados fundamentais para a análise do tema central desta pesquisa. Na Hospitalidade aborda seus aspectos evolutivos, seus domínios e as principais abordagens teóricas, diferenciando a chamada “escola européia” da “escola americana”. No Turismo, fundamenta conceitualmente sua dinâmica e explicita sua função holística, inclusive tratando das questões relacionadas ao Sistema de Turismo e seus elementos. Aborda referências do turismo religioso e complementa essas análises, discorrendo também sobre novas perspectivas da segmentação turística, compreendendo o segmento alternativo e o voluntariado como uma nova tendência do mercado de viagens turísticas.

1.1 Hospitalidade

1.1.1 Aspectos Evolutivos

Pensar em hospitalidade é, também, abordar um conceito que atualmente, possui múltiplos sentidos. Pode-se entender a hospitalidade genericamente como o ato de propiciar um ambiente agradável e confortável para as pessoas. Mas para compreender melhor seu conceito, importa citar a sua ocorrência desde os primórdios das civilizações.

Segundo Lashey & Morrison (2004), relatos arqueológicos remetem a

hospitalidade ao surgimento das comunidades primitivas, quando já existiam práticas rituais que se associavam à recepção de “forasteiros” caçadores e coletores, o que simbolizava a aceitação de um novo membro pelo grupo. Com o surgimento das primeiras civilizações e a introdução do elemento comercial nas atividades econômicas, há conseqüentemente o incremento das viagens necessárias aos negócios entre os povos antigos, com o que se observa as práticas de hospitalidade, conforme Chon e Sparrowe (2003).

Esses autores apontam ainda a tradição hebraica de lavar os pés dos hóspedes como um ato de extrema hospitalidade, uma questão de honra, salientando que, para tanto, suas casas contavam com espaço separado para os hóspedes (como forma de preservação da privacidade de ambas as partes). Também aos hóspedes era garantida a alimentação, bebidas e ainda alguma forma de lazer.

Na Antiguidade Clássica, especificamente em Roma, as práticas de hospitalidade eram impostas pelo poder público. Cumpre lembrar que essa hospitalidade imposta por ordens legais acontecia pelo fato de que Roma era um império que guerreava constantemente e necessitava de locais para abrigar suas tropas.

Durante toda a Idade Média, a igreja de Roma se tornou a referência espiritual e cultural do mundo ocidental. Em séculos conturbados de guerras e saques, os conventos e mosteiros se transformaram em refúgio de milhares de pessoas, que também utilizavam as instalações eclesiais como estabelecimentos de hospedagem durante as peregrinações, que se acentuaram durante a Baixa Idade Média com a intensificação da atividade comercial.

Durante séculos, poucas mudanças foram registradas no percurso da história da hospitalidade, e o mundo liberal burguês, faz com que o poder espiritual e material da Igreja de Roma perdesse, paulatinamente, seu poder sobre o povo e suas terras, mais notadamente no continente europeu. Somente em inícios do século XIX, com as tecnologias advindas da Revolução Industrial, as pessoas puderam viajar de forma mais regular e em número mais significativo. Naquele momento, as classes intermediárias são as protagonistas das viagens – entretanto, ao final

daquele século, com a conquista dos direitos trabalhistas e o tempo do lazer, emergem no cenário das viagens as classes trabalhadoras.

Com nova configuração de urbanização e o exercício de atividades produtivas, também ocorreu a divisão do tempo de trabalho e tempo de lazer, a partir da conquista dos direitos trabalhistas, com os movimentos sociais que surgem no século XIX. Dentre estas conquistas, destacam-se o descanso semanal e as férias remuneradas, em cujo contexto o turismo se firmaria como uma opção de lazer, além de contribuir para o sistema econômico da localidade visitada. Alexandre (In: Almeida e Costa, 2008) corrobora essa visão, afirmando que:

O turismo começa a ser firmar como atividade econômica a partir da metade do século XIX, graças aos trabalhos pioneiros de Thomas Cook e aos fomentos das atividades turísticas promovidas pelas ações empresariais de César Ritz (hotelaria), Karl Baedeker (guias de turismo), George Pullman (turismo ferroviário), entre outros.

Neste sentido, é importante registrar que no referido período, em função de iniciativas empreendedoras de negócios da época, a atividade turística passou a ser compreendida como um meio atrativo de aplicação e ganho de capital. Dentre esses empreendedores destaca-se Thomas Cook e suas viagens sistematicamente organizadas. Nos anos que se seguiram, investiu-se ainda mais na construção de hotéis, equipamentos de alimentação, entretenimento e transportes.

Nesse contexto, a classe trabalhadora, por meio de seus movimentos sociais, conquistou um tempo livre diário, semanal e anual maior. Este aumento do tempo livre reflete na diversificação das atividades de recreação e entretenimento, tendo sido também expropriado pela sociedade de consumo de massa, que criou novas necessidades. Em registro documentado de pesquisa referente a esse cenário, Rodrigues (1997, p. 26) esclarece que “a necessidade imperiosa de viajar é fabricada, sendo incorporada artificialmente ao rol das necessidades básicas do homem”.

Além disso, a divisão de classes tornava-se menos incisiva do que antes, pois passavam a existir as camadas intermediárias, que, com outro estilo de vida e outras necessidades, já se distanciava do homem cultivador, o trabalhador do campo. Foi justamente a existência dessas camadas o ponto fundamental para o fortalecimento do turismo como um serviço de consumo almejável. Inicia-se, assim, na seqüência desse processo, a consolidação do turismo de massa, com grandes fluxos de pessoas deslocando-se para os mesmos destinos em busca do mesmo sonho de consumo: o lazer.

Com o importante aumento da demanda de viagens, fez-se necessário o aumento da oferta de novos estabelecimentos de hospedagem, agora comerciais, com objetivo de oferecer serviços de pouso, banho e alimentação, que se transformariam, no século XX, no que se conhece hoje como grandes cadeias hoteleiras.

As mudanças ocorridas durante a Revolução Industrial acabaram por transformar as relações sociais e toda a dinâmica de vida da maioria da população, pois se antes as pessoas trabalhavam no campo e se guiavam pelo nascer e pôr-do-sol, agora eram dominadas pela hora do relógio das fábricas. Todas essas mudanças tinham como plano de fundo principal o cenário econômico, pois os operários passaram a ter uma vida regrada em função da nova ordem proposta para a economia capitalista que se formava, preconizando a produção em larga escala, a fabricação em série e a padronização de produto.

1.1.2 Domínios

Assim, para melhor compreender a hospitalidade, Lashey e Morrison (2004) dividem-na em domínios - privado, social e comercial.

Para eles, a hospitalidade social é aquela realizada diariamente, em seu mais puro significado, onde os indivíduos se tratam com generosidade e cordialidade, oferecendo alimentos e proteção. Neste sentido, a hospitalidade social é aquela que

propicia a interação humana que ocorre cotidianamente, abrangendo as dimensões turísticas e política. Nota-se aqui que, para os autores, a hospitalidade vai além das relações de auxílio, contemplando também a esfera turística.

A abordagem privada da hospitalidade também ocorre no dia-a-dia dos indivíduos, porém em nível doméstico, pois é representada pelas atitudes hospitaleiras desenvolvidas no interior de suas residências direcionadas para pessoas que não fazem parte daquele núcleo familiar e, para Lashey e Morrison (2004, p.14), “A recepção de hóspedes em ambientes domésticos proporciona a oportunidade de situar o indivíduo e a família no contexto da ‘civildade’ “.

Ressalta-se que nem todos os indivíduos são bons anfitriões, assim como nem todos os lares podem ser chamados de hospitaleiros. Uma família precisa ter um mínimo de senso de alteridade para ter condições de receber alguém que não faz parte de seu cotidiano. Afinal, ter um hóspede em casa, e condizer com essa situação de anfitrião, é aceitar que um estranho participe de todos os rituais aos quais está acostumado a realizar apenas no grupo familiar.

Segundo Camargo (2004), dentre as três tipologias da hospitalidade, a comercial é a mais discutida e também a que mais gera controvérsias entre os estudiosos do assunto. Segundo ele, por definição, o termo se refere à hospitalidade relacionada às estruturas comerciais modernas, que surgem em função do turismo enquanto atividade econômica. Entretanto, há aqueles que defendem a inviabilidade de remeter a idéia de hospitalidade à questão monetária, pois por sua própria definição, o sentido de hospitalidade já estaria desvinculado do lucro e ligado em preocupação com o acolhimento de pessoas “forasteiras”. Em razão dessa troca Camargo (2004) afirma não haver possibilidade de existência de hospitalidade comercial, pois a real hospitalidade deve apresentar um caráter de convivência com o outro.

No entanto, em uma transação comercial não há desinteresse, quando se compreende que o lucro é o principal fruto das relações comerciais. Nesse sentido, o autor Camargo (2004) afirma que a hospitalidade comercial acontece com todo serviço que vai além do que já foi estabelecido no contrato, no momento da compra. Ainda, embora o ato da compra deva ser remunerado, compreende que a

remuneração, nem sempre, compra a hospitalidade. Nessa direção, a hospitalidade comercial se distingue por ser uma troca monetária, e não espontânea.

1.1.3 Abordagens teóricas

Em relação às pesquisas sobre a hospitalidade, Camargo (2004) sinaliza três vertentes que norteiam as pesquisas em hospitalidade: a americana, onde as relações preconizam sistematicamente a questão comercial e contratual; a francesa, que é mais tradicional, e valoriza as hospitalidades privada e social e que tem a matriz maussiana do “dar-receber-retribuir” na sua base, praticamente ignorando a hospitalidade comercial; e a (incipiente) brasileira, que tem como base a tentativa de aplicar a teoria da hospitalidade ao turismo e à hotelaria.

De maneira geral, as escolas européias são tradicionalmente conhecidas por abordarem e praticarem a hospitalidade como uma “arte” de bem receber, baseando-se em conceitos mais humanistas. Dentro dessa linha pragmática de atuação insere-se a escola francesa tendo como premissa básica atender às necessidades das pessoas de forma personalizada, valorizando o individual.

Marcel Mauss estudou as sociedades primitivas da Melanésia, Polinésia e Noroeste americano, procurando observar e registrar toda sua dinâmica social de interação e convivência. Para ele, as instituições da sociedade – religiosa, familiar, legal, moral e econômica – eram constituídas por intermédio das trocas aparentemente livres e gratuitas entre os indivíduos. Contudo, ele chegou à conclusão de que “[...] essa liberdade nas trocas entre os entes sociais não era desprovida da imposição e do interesse das prestações, ou seja, havia a expectativa de retribuição” (MAUSS, 1974, p.41).

Esse autor compreendeu que as relações sociais desenvolvidas nas comunidades por ele observadas eram reguladas pela obrigação estabelecida nos atos de troca que ligavam as pessoas. Assim, uma vez iniciado e estabelecido o vínculo da troca, baseado em dar e retribuir, este não teria fim, e o ato de ceder algo

para outra pessoa implicaria que esta ficaria “devendo” um próximo favor, mantendo viva a relação. Para Camargo (2004, p.19),

Esse relacionamento não é muito claro, já que suas leis não são escritas. Mas, ao mesmo tempo, são leis de grande importância. Aquele que esqueceu de retribuir um presente ou um favor recebido de outrem sabe bem o tamanho e o peso da carga às suas costas. Aquele que vai, pela terceira vez, de mãos vazias para uma festa à qual vem sendo convidado experimenta um certo mal-estar que ele mesmo imagina ser falta de educação, mas, na realidade, é de pressão das leis não escritas da dádiva.

Ainda, Mauss (1974) observou que as relações estabelecidas entre as tribos eram mantidas por conta da aceitação e retribuição de bens materiais e imateriais através de um sistema que se iniciava pelo ato de ofertar algo. Dentro desse círculo, os envolvidos eram moralmente obrigados a manter os laços sociais, retribuindo ofertas com novas ofertas e assim por diante.

Muitos pesquisadores basearam-se na pesquisa de Mauss para discutir outras vertentes e a complexidade do que viria a ser a hospitalidade. Dentre eles, Caillé (2002) foi o autor que mais se aprofundou no tema, propondo uma definição sociológica para a dádiva, transformando-a em um símbolo do ciclo do dar-receber-retribuir. Para ele, o que realmente importa nesse ciclo de troca é o vínculo social a ser criado: “A dádiva desencadeia o processo de hospitalidade, seja ou não precedida de um convite ou um pedido de ajuda, numa perspectiva de reforço do vínculo social” (CAILLÉ, apud CAMARGO, 2004 p.19).

É importante notar que, mesmo em favor da dádiva, não se pode dizer que as trocas seriam então totalmente desinteressadas – o interesse aí seria no vínculo social em questão. Camargo (2004, p. 19-20) acrescenta ainda que a oferta de hospitalidade muitas vezes implica em certos sacrifícios, como abrir mão do que é seu em prol de outros, seja a oferta qual for:

A dádiva implica sacrifício: Oferecer uma dádiva ou hospitalidade é sacrificar algo que se tem em favor do donatário ou do hóspede. Agradar ao hóspede

implica abrir mão de algo que se tem em favor dele. Esse algo pode ou não implicar dispêndio de dinheiro. Pode ser apenas um cafezinho já passado. Pode ser apenas tempo, moeda tão rara na vida moderna. O anfitrião que nos diz 'desculpe-me, mas isto é tudo o que eu tenho para lhe oferecer' aceita implicitamente essa lei. O sacrifício é, pois, um componente essencial da hospitalidade.

Assim, para os estudos em hospitalidade, a grande contribuição de Mauss refere-se ao seguinte: para que a hospitalidade se manifeste, deve haver a cooperação e a empatia entre as pessoas dentro de qualquer organização, valorizando o espírito de coletividade.

Em oposição à escola francesa, a também tradicional escola americana trabalha em bases mais objetivas e diretas de atuação, oferecendo produtos padronizados a todos, sem distinção, tratando aqueles que recebem a prestação de serviços como “clientes”. Nessa escola, a hospitalidade considera os locais comercialmente voltados ao atendimento de pessoas, que oferecem, necessariamente, alimentação e hospedagem.

Chon & Sparrowe (2003), pesquisadores do modelo americano de hospitalidade, chamam-na de “indústria da hospitalidade” e inovam ao afirmar que essa “indústria” está diretamente relacionada à atividade turística, englobando os serviços relacionados às viagens e recreação e aos alimentos e bebidas. Para esses autores, a hospitalidade ocorre a partir da interação com os funcionários, durante a prestação dos serviços, quando as expectativas são ou não cumpridas.

Discorridos todos estes argumentos, há de se registrar que, numa leitura e compreensão da amplitude e domínios da hospitalidade, que, segundo Beni (citado por Ribeiro, 2008), “ela se dá como um entendimento que transcende a relação entre o anfitrião e o hóspede, revelando transformações, virtudes e experiências memoráveis”.

Faz-se necessário interpretar a hospitalidade como a que possibilita a indivíduos e a grupos sociais, de lugares diferentes, abrigar-se e proporcionar trocas construtivas entre hóspedes e anfitriões. Isso significa que a hospitalidade implica práticas de sociabilidade, ajudas e serviços que facilitem o acesso a recursos locais

e o engajamento de relações que vão além da interação imediata.

1.2 Turismo

1.2.1 Considerações Gerais

O turismo, constatado como fenômeno social, econômico, cultural e ambiental, articula-se com múltiplos setores da atividade humana e, neste sentido, apresenta alterações e se inova como produto, conforme a sociedade se transforma. No rol de alterações e, observadas todas as inovações e exigências nos serviços oferecidos, compreende-se a grande variedade de conceitos, válidos e perceptíveis na medida em que são analisados, conforme os campos no qual são estudados. Isto corrobora que o fenômeno turístico ocorre em distintos campos de estudos e é explicado e avaliado no contexto de diferentes correntes de pensamento, analisados em diferentes realidades sociais, reforçando sobremaneira a sua capacidade holística e suas pertinências inter e transdisciplinar.

Tais características referendam a posição de Jafar Jafari, para quem o Turismo é:

O estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físicos, econômico e sociocultural da área receptora. (JAFARI, apud BENI, 1997, p. 36)..

O deslocamento ou a viagem, e mesmo a estacionalidade no contexto do trabalho e das viagens turísticas, são movimentos que atingem a intelectualidade e o emocional do viajante, preparando-o, além da fruição a ser conquistada, para reflexões e experiências únicas, e que, subjetivamente, podem trazer à realidade sonhos pessoais e desejos, fatos estes que fazem com que nos turistas e nos

viajantes sejam muito particulares.

Entretanto, não se pode silenciar sobre os impactos da atividade turística. Sabe-se que o turismo pode promover a difusão de informações e valores culturais, naturais e sociais de uma determinada região ou localidade. Há sempre a possibilidade de se ampliar perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região, proporcionando o desenvolvimento do potencial criativo nos mais distintos campos de atuação. Além disso, lembra-se a capacidade da atividade em promover o sentido de eliminação de fronteiras, barreiras e preconceitos frente à atual dinâmica global, intensificando os contatos socioculturais e outras ações nas múltiplas possibilidades advindas do fato em si.

Segundo Cooper et al (2001), a atividade turística também pode provocar no espaço visitado inúmeros impactos negativos como a degradação e destruição dos recursos naturais e culturais. O efeito demonstração muitas vezes leva à perda de autenticidade cultural local, além da desintegração de valores sociais e éticos da comunidade. Os conflitos entre comunidade receptora e turistas são, também em inúmeros casos, visíveis e reais, o que dificulta o desenvolvimento de relações de hospitalidade. A falta de planejamento e políticas públicas diretamente voltadas à atividade turística tem como efeito a ausência de perspectivas inclusivas para os moradores da localidade, considerando que há destinos turísticos onde os benefícios (diretos ou indiretos) da atividade não são revertidos à população local.

As considerações teóricas do turismo atual, quase que sistematicamente, têm-se focado, principalmente na prática dos negócios e em atender as necessidades dos turistas e do mercado. Essa atitude se baseia na visão empresarial de atrair um grande número de turistas e com isso gerar lucros convenientes para seus investidores. Assim, ressaltam-se nos negócios turísticos o desejo de maximizar as vantagens financeiras advindas com o turismo a curto e médio prazo. Porém, esta leitura simplista do fato turístico começa a se defrontar com ações mais abrangentes que, mantendo o foco inicial dos negócios com o mercado, alcança outras percepções que distinguem esta prática original de outras mais sensíveis às relações humanas e sociais, com abrangência maior e respostas que evidenciam o perfil de um novo turista já presente no fluxo de viagens.

De acordo com Uchoa (2008, 24),

[...] o turismo, seguindo o passo de outros setores, tem experimentado novas diretrizes para posicionar-se como atividade rentável e ao mesmo tempo sustentável. As exigências da sociedade nos tempos atuais impõem novos procedimentos e novos valores mercadológicos, sendo uma delas a orientação não apenas voltada à maximização do lucro e superação das expectativas dos turistas, mas também, para a construção de qualidade direcionada para a sociedade e seus aspectos de cidadania.

Nessa perspectiva, entende-se a impossibilidade de se separar o consumo do produto turístico com uma prática cidadã responsável, o que garantiria a qualidade das relações proporcionadas pelo turismo. Nos tempos atuais, os princípios voltados para a construção de um projeto coletivo de cidadania se restringem nas atuações de empresas sem responsabilidade social e, àquelas mais alinhadas às novas realidades que, quando possível, se efetivam na contramão de um turismo massificado e homogeneizado.

Assim, pode-se pensar no turismo a partir de um entendimento holístico. Sua atuação e efeitos, não só para a sociedade, mas também para o turista, devem-se encaminhar à abrangência e ao envolvimento dentro de um sistema interdependente.

Beni (1997, p.46) esclarece que sistema é “um conjunto de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípios logicamente ordenados e coesos, com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo”. Além disso, se faz necessária a citação de algumas variáveis do sistema de turismo, como: as motivações de viagens e a escolha das áreas de destinação turística; os equipamentos de transporte utilizados; o tempo de permanência na área receptora; a disponibilidade de equipamentos não só hoteleiros, mas também de alimentação; a fruição dos bens turísticos; a estrutura e o comportamento de gastos do turista.

Emergem dentro deste sistema funções primárias e inerentes à atividade turística como as citadas acima, e funções que consolidam e ampliam o contexto em que este se processa, contidas, segundo Beni (1997) nos ambientes natural, cultural, social e econômico, além das funções de organização e operacionalização.

Como resultado, tem-se um complexo de subsistemas que, agindo de forma sinérgica, propiciam uma atuação eficiente do todo, no caso do turismo.

Considerando os paradigmas moderno e pós-moderno, o Sistur apresenta visão estrutural e conjuntural da atividade turística, podendo ser fonte de resistência a uma pós-modernidade que fragmenta e compartimentaliza os saberes e análises. Acreditamos então que, somente a sinergia harmônica proposta pelo Sistur possibilitaria o modo eficaz e sustentável da atuação do turismo nos novos referenciais de viagens, na prática objetiva de muitos programas turísticos, etc., possibilitando a criação, inclusive, de novos paradigmas para a atividade turística.

Inúmeros autores, dentre eles Beni (1997) e Krippendorff (2001), o que acontece hoje, é que determinados subsistemas são inibidos pela atuação de forças mais potentes de outros subsistemas. Estas interferências são flagrantes e obedecem a objetivos claros, como, por exemplo, a manutenção de interesses econômicos em detrimento de outros, desregulando assim o todo, desvalorizando-o e descaracterizando-o. No Sistur, as forças reguladoras pelo subsistema regente são de acordo com o cenário, insuficientes para “concentrar” o todo. O sistema não pode ser auto-regenerativo sendo que o sujeito principal é o homem e, assim, deve ser o agente de mudança. Quando se conclui a análise estrutural e o reconhecimento do ciclo turístico, defronta-se com situações que podem começar pela legitimidade do local frente à capacidade de resolver a satisfação ambiental que a busca, mas não encontra o que procura neste.

Portanto, é no âmbito de um sistema de turismo, que o turismo voluntário e suas motivações são formas de manifestações sociais, culturais e ambientais, desenvolvendo uma hierarquia de valores para adaptar-se às condições limites dentro do próprio ambiente turístico, e também agindo externamente, utilizando-se da atividade para tentar harmonizar outras ações também interdependentes, fazendo assim com que o próprio Sistur se localize como outro subsistema parte de um sistema mais abrangente, agregando os valores e atitudes crescentes de novos paradigmas interferindo nos desajustes da ação turística.

Embora os subsistemas sejam conceitualmente distinguíveis, não se pode falar e agir dentro de um sistema de forma isolada haja vista que são inseparáveis

nas suas atuações práticas como contraparte de uma totalidade. É o que se nota claramente ao analisar a atividade turística, onde qualquer forma de ação resulta efeitos em todas as partes do sistema. A interdependência das suas partes (subsistemas) se revela de múltiplas formas, principalmente pela existência das múltiplas inter-relações necessárias entre elas.

Neste contexto localizam e distinguem-se diferentes valores e formas de atuação dentro do fenômeno turístico, em especial, a ação dos turistas voluntários que buscam uma harmonização e um sentido maior, diferenciado nas suas atuações como turistas.

1.2.2 Em Busca de Novos Paradigmas

Nestes novos paradigmas de viagem e ação turística as motivações e a escolha da destinação turística, podem perder seu caráter individualista, hedonista e de busca de *status*, com propósitos distintos na visitação e na estacionalidade a partir de interesses cooperativos e solidários de assistência e cuidado à comunidade e a tudo que está relacionada a ela, como ações sociais, culturais e ligadas ao ambiente natural. Nestes novos cenários, a destinação não se caracteriza necessariamente pelos seus valores de mercado e não necessita teoricamente de atrativos e serviços turísticos tradicionais, atribuindo outros usos e funções na utilização do espaço e da fruição turística.

Os deslocamentos nos limites do espaço visitado, os serviços receptivos e o tempo de permanência na área receptora, também se alteram frente aos objetivos implícitos no trabalho voluntário, portanto o deixam de ser um meio facilitador de deslocamento e estacionalidade, proporcionando, por vezes, um efetivo envolvimento com a comunidade local e seu ambiente. Nesse sentido, destaca-se que os sujeitos de todas as ações em uma localidade partem de:

Uma herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participativo de modos padronizados de adaptação a natureza para o

provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam suas experiências, exprimem sua criatividade e a motivam para a ação. (RIBEIRO, 1985. p.127).

Somente o entendimento não preconceituoso das culturas possibilita a interação ativa com essas tradições, e assim os turistas se humanizam ao mesmo tempo em que incorporam e entendem que cada cultura é percebida singularmente pelos seus participantes e, nesta via de mão dupla, não cabe a outras culturas o julgamento e a utilização simplista de um convívio desvinculado de um objetivo maior, que seria a própria interação.

Dessa forma, as motivações nesses novos paradigmas revestem-se de outras características, considerando que há uma nova forma de interpretação das relações com a totalidade dos seres. Em razão das realidades atuais, está se desenvolvendo uma nova sensibilidade em relação ao planeta como um todo, e emergindo mutuamente novos valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por um número cada vez maior de pessoas e comunidades e refletindo em atividades que caminham através destes novos valores, como o voluntariado.

Agora estamos regressando a grande comunidade planetária cósmica. Fascina-nos a floresta verde, paramos diante da majestade das montanhas, enlevamo-nos com o céu estrelado e admiramos a vitalidade dos animais. Enchemo-nos de admiração pela diversidade das culturas, dos hábitos humanos, das formas de significar o mundo. Começamos a acolher e valorizar as diferenças. E surge aqui e acolá uma nova compaixão para com todos os seres, particularmente por aqueles que mais sofrem, na natureza e na sociedade. (BOFF, 1995. p. 30).

Imagina-se que sempre houve na humanidade estes sentimentos descritos por Boff (1995), e também se destacaram semelhantes emoções, pois elas são essencialmente humanas. Entretanto, nos dias atuais, ganham novo contexto e tendem a se espelhar, criando assim um novo modo de ser, de sentir, de pensar, de agir, de dizer.

Este “novo” pensamento ecológico, baseado na terra como um organismo vivo interdependente do tudo e de todos, apresenta como uma de suas características mais marcantes o destino comum / pessoal, no qual Boff (1995, p.79) faz referência:

Pelo fato de termos uma origem comum e de estarmos todos interligados, temos todos um destino comum num futuro sempre em aberto também comum. É dentro dele que se deve situar o destino pessoal de cada ser, já que cada ser não se entende mais por si mesmo, sem o ecossistema, as outras espécies em interação com ele e com os outros demais indivíduos de mesma espécie.

A visão ecocêntrica, na qual os novos paradigmas se desenvolvem, coloca no centro não este ou aquele país ou bloco geopolítico e econômico, esta ou aquela cultura, mas a Terra vista como a casa comum de todos. Retorna-se à origem da palavra ecologia para melhor explicitação, quando Ernest Haeckel a criou e a definiu como sendo “o estudo do inter-retorrelacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si com seu meio ambiente, entendido como uma casa, donde deriva a palavra ecologia (oikos, em grego = casa) e (logos = estudo)”. (ODUM, 1983. p.31).

Portanto, entende-se aqui, primeiramente, que os voluntários aos quais se fará referência, buscam acima de tudo, não a resolução de problemas fragmentados, visto que acreditam na atitude holística como uma das características dos novos paradigmas, onde esta visão de inclusão propicia uma visão ecológica de re-ligação de tudo, ajudando a superar o antropocentrismo e propiciando seres cada vez mais singulares e, ao mesmo tempo, solidários, complementares e criadores. Por isso, o voluntariado em novo contexto age através da essência da ecologia, que se dá, segundo Boff (1999, p.10), em quatro formas, como seguem.

- 1 A *ecologia ambiental* preocupa-se com o meio-ambiente visando a qualidade de vida, a preservação das espécies em extinção, e a permanente renovação do equilíbrio dinâmico.
- 2 A *ecologia social* compreende não apenas o ambiente natural, mas pensa-o na sua totalidade, ou seja, as ações humanas e a natureza, buscando a

sustentabilidade e atendendo as carências do ser humano sem sacrificar o capital natural.

- 3 A *ecologia mental* sustenta que as causas dos problemas não estão apenas relacionadas ao tipo de sociedade na qual se vive, mas também às mentalidades que se vivenciam, propondo trabalhar numa política de sinergia e numa pedagogia de benefícios, ressaltando todas as relações sociais, comunitárias e pessoais, e favorecendo a recuperação do respeito para com todos os seres e proporcionando uma visão não materialista.
- 4 A *ecologia integral*, em que a visão global e holística se fortifica, e as diferenças entre ricos e pobres, ocidentais e orientais, neoliberais e socialistas se tornam insignificantes.

Ainda fazendo referência ao que já foi dito, relacionam-se as características dos voluntários e as motivações nas quais regem suas ações aos princípios da essência humana re-valorizando no novo paradigma, ou seja:

- 1 O cuidado: afirmou-se, anteriormente, que o cuidado pertence à essência do ser humano, é seu modo de ser no mundo e com os outros, e muito anterior a ações como a liberdade e a razão. Segundo Boff (2003), o cuidado é uma relação amorosa que descobre o mundo com valor. Expressa a importância da razão cordial, que respeita e venera o mistério que se vela e se revela em cada ser do universo e da terra.
- 2 A solidariedade: a partir de ações solidárias, cresce a percepção de interdependência entre os seres, e de que há uma origem e um destino comum, de que carregamos dores e esperanças comuns.
- 3 A responsabilidade: o ser humano se faz responsável, junto com todas as forças da natureza, pelo destino da humanidade e da Terra. A responsabilidade apresenta uma resposta ao apelo da consciência, de que algo está carecendo de cuidado.
- 4 O diálogo: Os homens são seres de relação e de comunicação. Portanto, seres de diálogo que, na medida em que convivem, relacionam-se e intercambiam-se

continuamente com as diferenças.

- 5 A compaixão: esta é a atitude de sofrer a dor do outro e de participar das lutas de libertação, sendo que os seres humanos que são omissos a estas dores não o fazem por serem mal, mas por que aceitam passivamente as conseqüências produzidas por uma relação social, na qual as vantagens individuais e de acumular bens e serviços apresentam-se cruéis e impiedosas.
- 6 A holística: significa, diante das tradições, hábitos, e culturas existentes, superar as clássicas contradições e assumir uma perspectiva globalizada, na qual as diferenças revelam a complexidade e a rica unidade da humanidade, compreendendo que todas essas diferenças seguem em direção àquilo que é interesse coletivo.

Portanto, estas características humanas citadas por Boff (2003) são a princípio, diretrizes que caracterizam a atuação do turista voluntário demonstrando e articulando a relação existente entre o turismo como movimento social de novos cenários frente as mais diferentes realidades da atualidade. Também é preciso analisar a sua relação com o turismo religioso e o turismo alternativo, nos quais podem residir suas raízes.

1.2.3 Turismo Religioso

Segundo o conceito de Wilges (1994, p.15), “religião é o conjunto de crenças, leis e ritos que visam um poder que o homem atualmente, considera supremo, do qual se julga dependente, com o qual pode entrar em relação pessoal e do qual pode obter favores”. A religião ainda é considerada um “fenômeno espiritual que envolve profundo relacionamento entre as criaturas e o criador, por esses motivos, criam relações além dos cultos e Templos e chegam ao Turismo.” (ANSARAH, 1999, p.126).

O homem, desde os seus primórdios, procura ter contato com essa força

maior, que é Deus, podendo dar um sentido a sua vida e respostas aos seus anseios, tendo a partir dessa, força para continuar a sua caminhada. Para Andrade (1995, p. 79):

Nos séculos III e IV da era cristã, os fiéis começaram a cultivar o hábito de viagens de caráter religioso a eremitérios, mosteiros e conventos da Síria, do Egito e de Belém, a fim de encontrar-se com os “servos de Deus”, para pedir-lhes conselhos, orações, bênçãos e curas. Também foi o início da longa série de visitas a igrejas e santuários cujos terrenos encontravam-se os restos mortais de mártires célebres e aos locais onde Cristo, seus apóstolos e discípulos, passaram, viveram e morreram, além de outros lugares celebrizados por eventos importantes do antigo testamento.

Concorda-se com o pensamento de Secall (2002), de que a peregrinação tem o sentido da função social, espiritual e penitencial, sendo uma viagem mística que gera o equilíbrio do ser humano, entre outras funções sociais, e propicia a festa lúdico-religiosa. Além das características únicas, os objetivos religiosos possuem especificidades técnicas que se caracterizam como romaria, peregrinação e penitência, assim diferenciadas:

Quando alguém, por livre disposição e sem pretender recompensas materiais ou espirituais, viaja a lugares sagrados, o conjunto de atividades se denomina romaria.

Quando alguém visita lugares sagrados para cumprir promessas ou votos anteriormente feitos a divindades ou a espíritos bem-aventurados, o conjunto de atividade chama-se peregrinação.

Quando alguém, empenhado de remir-se de suas culpas ou de seus pecados, de forma livre e espontânea ou por conselho ou disposição de líderes religiosos, se dirige a lugares sagrados, ou outros lugares sagrados, ou a outros lugares, em espírito de arrependimento e compunção, o conjunto de atividades é designado como viagem de penitência ou viagem de reparação. (ANDRADE, 1995, p.78).

Nesse sentido, o Turismo Religioso, que foi uma das primeiras manifestações

de deslocamentos no mundo, como já mencionado anteriormente, é um segmento que tem como motivação os mistérios da fé, a devoção a um santo, entre outras. Ao longo da história, os homens se deslocaram a partir de motivações estritamente religiosas. Neste sentido, Ortega (1994, p. 246) destaca que na

[...] religião judaica, segundo se lê no antigo testamento, os fiéis peregrinam à cidade de Jerusalém várias vezes ao ano devido, suas festas religiosas, e lá cantavam salmos chamados A Peregrinação. E um dos mandamentos da religião muçulmana é a peregrinação à Meca. Todos os fiéis devem ir a Meca ao menos uma vez na sua vida. E na religião cristã temos notícia que houve nos primeiros anos e nos primeiros séculos homens e mulheres que peregrinavam ao sepulcro de Jesus em Jerusalém, assim como o sepulcro dos apóstolos Pedro e Paulo em Roma [...]. Com o decorrer dos séculos, como parte da Igreja Católica, surgiram os santuários Marianos, repartidos pelo mundo motivados às vezes pelas aparições da Virgem Maria e pela fé e devoção popular.

Como afirma Fernandes (1994), a presença da santidade na Igreja Católica é muito forte, pois os fiéis vão aos Santuários¹ para pedir ajuda espiritual aos mais variados problemas do dia-a-dia e, por isso, a sala dos milagres recolhe sinais de graças e desgraças cotidianas. Já para Aoun (2001), as pessoas buscam na religião cristã a salvação para o estado perfeito e o equilíbrio de todas as coisas, onde a busca pelo paraíso seria como um lugar arquetípico e atemporal, interditado após o pecado.

O turismo religioso tem facilidade de unir o homem ao divino, a arte à religião, a cultura devoção, a natureza ao humanismo. Para Aoun (2001), conduz a essência da vida, a consciência dos homens e, como disse Miguel de Unamuno, a história interna dos povos; ou seja, é um panorama tão antigo, como novo; tão histórico como atual; tão religioso como cultural e tão urbano como ecológico.

Dentre as práticas religiosas, pode-se ressaltar a romaria, como uma versão

¹ Os Santuários são construções maiores e mais suntuosas que os oratórios e reúnem multidões e peregrinos. [...] permanece, no isolamento do interior, uma presença viva, recordando às pessoas sua pertença a uma comunidade maior visível e invisível, comunidade de romeiros e devotos aqui e na

mais “terra-a-terra” da devoção religiosa caminha entre o profano e o sagrado, e as festas religiosas, como práticas importantes para a fé e a cultura de uma comunidade:

A romaria é mística do espaço, transformação da paisagem. Leva-nos do profano ao sagrado por caminhos rotineiros que mudam de figura à medida do percurso. É com os pés, ao que se diz, que se ora nas melhores romarias. Neles, a dor e a leveza. Por eles o transporte. (FERNANDES, 1994, p.14).

As festas são outra prática forte da religiosidade popular. [...] as representações religiosas funcionam como motores de ações coletivas, motores indispensáveis a um grupo humano que não domina suas condições materiais e sociais de existência. Aí reside a razão da sacralidade das representações religiosas: elas são essenciais para dar sentido ao mundo e à existência, e para mover o grupo e agir sobre si mesmo num contexto de franco desenvolvimento de forças produtivas. (SIMÕES, 1998, p.73-74).

Para Brandão (1981), as festas religiosas compõem-se da parte sagrada, e da parte profana. A primeira incorpora os ritos da Igreja, quando o agente eclesiástico tem todo o controle cerimonial, e até mesmo na escolha dos festeiros. A segunda compreende os leilões, as barracas de venda de serviço e diversão, apresentação de espetáculos públicos, como duplas sertanejas e conjuntos musicais e, por fim, os espetáculos folclóricos. Para esse autor, exemplos de santuários famosos são o de Guadalupe (México), Londres (França), Fátima (Portugal), Luján (Argentina) e El Pilar (Espanha). No entanto, para ele “Roma, Santiago e Jerusalém foram e vêm sendo, ‘as três grandes artérias da fé’ e, portanto, os principais destinos para os peregrinos católicos” (ORTEGA, 1994, p. 246).

Os turistas religiosos podem visitar um local em particular ou vários lugares mediante a oferta de diferentes “tours” que definem as seguintes rotas principais, segundo Ortega (2004, p.246):

terra e comunidade com os santos lá no céu. (SIMÕES, 1998, p. 69-70).

- 1 Rotas Bíblicas: Israel, Jordânia, (Terra Santa);
- 2 Rotas do Êxodo: Egito e Península Sinai;
- 3 Rotas de São Paulo: Turquia e Grécia;
- 4 Rotas de Santuários Marianos;
- 5 Rotas das Catedrais, dos Mosteiros e das Igrejas;
- 6 Rotas missionárias;
- 7 Rotas dos Fundadores: São Francisco de Assis, São Inácio Loiola, Santa Teresa de Jesus e São João Bosco;
- 8 Assistência a congressos eucarísticos Marianos. (ORTEGA, 2004, p.246)

Não se pode duvidar que durante as viagens os peregrinos desfrutam, como qualquer outro turista, das inúmeras possibilidades culturais. A cultura e a religião estão unidas inseparavelmente. A Igreja Católica tem tomado consciência da importância do turismo em geral e do turismo religioso em particular. Assim em 1990 como motivo do ano Europeu do Turismo, se celebrou em Rávena (Itália) um congresso sobre turismo religioso, em cujo manifesto há expressão clara da sua importância:

Reconhecemos a importância do turismo para o crescimento do homem, para o encontro entre os diversos povos e crescimento da comunidade internacional por cima de toda a fronteira, língua e nacionalidade. Conscientes da missão da Igreja de anunciar a boa notícia a todos os homens que declara o turismo, como um novo âmbito para a evangelização e o testemunho.(ORTEGA, 1994, p.249).

Com essa finalidade, existe no Vaticano o Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, algo assim como um Ministério de Turismo em qualquer governo. Esse Pontifício Conselho organiza, anualmente, um congresso em nível mundial, em que se estuda e analisa o turismo, que tanto tem transformado social e culturalmente o homem atual, e se decidem orientações aos organizadores e promotores de peregrinações e de viagens marcadas dentro do chamado turismo religioso.

O futuro é promissor e sugestivo. Os profissionais do setor, conscientes do crescimento do turismo religiosos, agregam as rotas e destinos conhecidos, novidades como visitas a museus e outros atrativos artificiais e naturais, e organizam novas rotas, como rotas de estilos arquitetônicos, rotas de fundadores, de ordens religiosas, rotas missionárias e ecumênicas etc.

1.2.4 Turismo Alternativo

Em vistas da importância crescente da atividade turística, tanto como resultado econômico, como em relação aos impactos da atividade e principalmente do turismo de massa sobre o meio ambiente, a discussão sobre novas formas de prática turística se faz presente e inevitável em todas as instâncias que tratam do tema.

O turismo, a prática de viagens de lazer e fruição, se apresenta nos dias atuais, mais que nunca como uma necessidade social que se processa a partir de múltiplas demandas. Muito além de mera resposta às práticas de lazer, a viagem turística, em situações específicas, envolve vários outros aspectos significativos de um certo estilo de vida.

Dentro dos paradigmas da atualidade, o turista é um consumidor, principalmente, do espaço estético. Bauman (1997, p.192) afirma que “a beleza do controle estético – a beleza sem nuvens, beleza não espoliada pelo medo do perigo, consciência de culpa ou receio de vergonha – é seu caráter inconseqüente”. Esta afirmação leva a colocar o turismo em debate, na medida em que é entendido como uma atividade em que o estético, a imagem da perfeição (felicidade) e os devaneios imaginários são vendidos como alternativas a serem consumidas ou utilizadas sem julgamento em relação ao que as circunda, por exemplo, a degradação ambiental e a pobreza da comunidade local. Com isso, o turismo é marcado por um mínimo de obrigações morais e pela sua legitimação em busca da felicidade individual e não coletiva.

No sentido desta interpretação, destacam-se autores como De Masi (2000, p. 46) para quem “uma das marcas do pós-moderno a sofisticação estética como possibilidade e como exigência de um tempo gradativamente maior de lazer e gozo”. Estende-se, assim, o debate e reforça-se o porquê do turismo ser uma das atividades econômicas que mais crescem na atualidade, dentro do contexto histórico e das necessidades criadas pelos paradigmas da pós-modernidade.

Também, no cenário de grandes fluxos turísticos globais, o modelo que por vezes prevalece, demonstra que:

O turismo não proporciona o conhecimento do lugar, mas sim, o seu reconhecimento através de imagens selecionadas que se tornam ícones, que representam o lugar, o que significa um empobrecimento violento da própria experimentação estética à qual o turista se propõe. Como fenômeno de massa, a viagem de turismo só pode se organizar de forma “industrial”, em série transportando para o lazer os mesmos princípios de racionalização da qual pretensamente se quer fugir. Vende-se, na verdade, um certo modo de ver [...]. (CARLOS, apud ALBINATI, 2005, p. 36).

Se por um lado pode-se entender que este não conhecimento e identificação prévia do lugar turístico ou somente o reconhecimento e a decisão por meio de imagens selecionadas, é estratégia de fomento para organização de pacotes e roteiros que justificam um negócio massificado, distribuindo os diferentes destinos em larga escala e contabilizando em negócios e serviços a favor do mercado, há de se enfatizar, também, que como prováveis causas do surgimento do turismo voluntário, estão a divulgação e a imagem destes locais e destas sociedades, colocando-as por meio de registros visuais e informação em tempo real, como uma possibilidade alternativa na forma de se praticar turismo.

Os viajantes, a partir de novos paradigmas, buscam através de diferentes formas de viagem outras conectividades com realidades, construindo assim um senso crítico maior em relação ao turismo como um todo, e enquadrando-o como uma das atividades que já demonstra maior poder de adaptação aos novos paradigmas que estão surgindo.

Localizando o turismo voluntário dentro do amplo horizonte do turismo alternativo, e suas múltiplas possibilidades conceituais e práticas, existe até a possibilidade de se adotar uma interpretação mais romântica do que entendê-las em bases técnicas e científicas. Em relação aos seus flagrantes valores, tem-se aqui que o turismo alternativo é a experiência vivida do lugar não apenas no espaço turístico tradicional a um modelo já padronizado de interpretação, mas sim como a vivência de algo único e especial no qual a subjetividade e o imaginário nos dão o direito de vivenciar e ter simples respostas em relação às oportunidades deste algo mais que novos segmentos alternativos nos oferece.

Como conceito de turismo alternativo, corrobora-se com a visão de Macedo (1998, p. 166), para quem envolve o “processo que promove uma forma justa de viagem entre membros de diferentes comunidades e busca alcançar a compreensão mútua, a solidariedade e a igualdade entre os participantes”. Em complemento a este conceito, registra-se o apresentado por Albinati (2005, 47):

A idéia de um turismo alternativo se apresenta como a tradução para o universo do turismo das preocupações de caráter estético-ético que coroam o diagnóstico da sociedade pós-moderna, na qual o lazer como momento de realização do humano passa à centralidade do novo arranjo existencial.

Em vistas destas considerações, o que se pretende nesta pesquisa é situar o turismo voluntário fora dos padrões ditados pelo mercado de viagens na sua característica tradicional, em confronto com os princípios do mercado e dos negócios turísticos de alta lucratividade. Mesmo sabendo das multiplicidades de fatores que incidem numa análise destes dois modelos neste mercado globalizado, reforça-se a necessidade de se pensar no turismo alternativo não mais como um segmento distanciado do mercado de turismo. Faz-se mister compreender o turismo voluntário dentro do âmbito maior do turismo alternativo, redirecionando os turistas/viajantes às novas concepções e formas de viagem, onde usufruam maiores possibilidades interativas e neste novo estilo de “viver o turismo” construam novas formas de análise crítica em relação à atividade em si.

O turismo alternativo não irá substituir o turismo de massa, mas, pelas suas características e objetivos, deve ser incorporado como um novo segmento mercadológico que atende a um público específico, mais sofisticado, mais sensível ou mais informado.

1.3 Voluntariado e Turismo

1.3.1 Voluntariado² e Trabalho

Tem-se aqui o propósito de situar o voluntariado, não apenas como uma alternativa para aquelas pessoas que desejam “ocupar seu tempo”, ou para aqueles que procuram se dedicar à caridade, mas sim para sujeitos que conscientemente se contrapõem à cultura do individualismo, da competição, do mero acúmulo material, do caráter ilusório e superficial da vida atual e de outras características da sociedade atual.

Como modelo de participação social, aponta-se como meta principal entender nessas relações a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais e globais, e naturalmente agregar diversos valores às pessoas que praticam o voluntariado; busca-se, inclusive, pela compreensão de que o voluntariado praticado por sujeitos volte à essência das relações humanas, agindo da forma cooperativa e fraterna.

Segundo Boff (1999), entende-se que não há movimento único, capaz de facilitar uma leitura óbvia, passível de padronizar as mudanças a serem observadas e valorizadas no turismo voluntário. Muitos são os personagens dessa ação, que certamente se orientam por um novo sentido de viver e de atuar, por novas percepções da realidade e por novas experiências. Como resultado desse movimento, cresce o novo paradigma de encantamento pela natureza, de compaixão e fraternidade pelos que sofrem, inaugurando, assim, um novo modo de ver a vida.

Parte-se da premissa de que cresce sobremaneira a convicção de que as

² O Dia Internacional do Voluntariado é 5 de dezembro, e foi instituído pela ONU.

estratégias assistencialistas e políticas públicas equivocadas não resolvem e nem vão resolver os problemas relativos à pobreza, à exclusão e ao próprio meio-ambiente. Dessa forma, deve-se avançar nas considerações, caso contrário, será o foco da palavra caridade que prevalecerá (ela que foi, até então, a base do voluntariado). Acredita-se que o princípio no qual se rege o voluntariado é o cuidado, já apresentado anteriormente.

O cuidado está na base da ação voluntária atual, no qual se moldam as necessidades humanas não superficiais, contradizendo aos valores vividos na atualidade. Quanto a isto, “do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato” (HEIDEGGER, apud BOFF, 1999, p.35). O cuidado é entendido aqui como uma maneira de se conhecer, e de reconhecer as necessidades alheias: é uma ação com a realidade, é permanentemente atrelado ao ser humano.

As relações do ser humano com o trabalho fundamentam-se na lógica da dominação e colocação deste a serviço dos interesses pessoais, com objetivos utilitaristas acima de tudo. Já o trabalho voluntário só será entendido, quando analisado diferenciadamente, onde a natureza e tudo o que nela existe não sejam vistos apenas como simples objetos. A relação, neste caso, não é de domínio sobre tudo, mas de cuidado, de convivência; não é de intervenção, mas inter-relação e comunhão. O voluntariado neste contexto significa ter intimidade, sentir, acolher e, acima de tudo, respeitar.

O trabalho voluntário procura entrar em sintonia com a comunidade e o meio ambiente, e, assim, agir integrado junto com estes. Numa perspectiva de mudanças de valores, permite ao ser humano viver a experiência fundamental daquilo que tem importância e realmente faz diferença, proporcionando o desenvolvimento de atitudes como o respeito, a reciprocidade, a igualdade, entre outras.

O trabalho voluntário, portanto, se concretiza na idéia de que há algo nos seres humanos que não se encontra em artefatos utilitários ou em dogmas científicos. No ser humano ainda prevalece o sentido, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de se sentir afetado. Entretanto, o trabalho voluntário

não significa deixar de trabalhar, de produzir para subsistência. Significa apenas renunciar a vontade de exercer o poder, da dominação; significa impor limites à obsessão pelo lucro e qualquer custo; significa vivenciar o trabalho e a vida em sintonia com a natureza, seus ritmos e suas indicações; e significa, também, colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade, do meio ambiente acima de interesses minoritários excludentes (BOFF, 1999).

Tradicionalmente, o trabalho voluntário se desenvolveu mais por razões religiosas e voltadas, principalmente, à caridade. Até um passado recente, pelo forte apelo caritativo, não se percebia que preocupações e valores que estão intimamente ligadas à natureza do ser humano, estão, também, diretamente ligados às motivações das específicas ações ou atitudes que os sujeitos e os grupos sociais adotam. Numa visão tradicional, e limitativa, o voluntariado caracterizava-se apenas pelo ato de “dar apenas por dar”, reforçando-se assim, num processo histórico, a construção maior dos vínculos de dependência entre ricos e pobres, patrões e empregados, assistidos e voluntários.

Essas antigas e tendenciosas concepções de voluntariado, como ações de caridade, como assistencialismo, em vista de muitos paradigmas da globalização, estão superadas. Hoje, a ação está caminhando para uma melhor compreensão do voluntariado como uma forma de ação coletiva e fraterna, que tem como objetivo maior mobilização de pessoas, empresas e organizações visando resolver os vieses criados por desajustes no nosso sistema econômico, social e cultural, assegurando a igualdade e a cooperação, bem como a responsabilidade social, ambiental e econômica.

O voluntariado na forma como se apresenta hoje, vai além de uma simples ação de caridade, busca a qualificação da sua atuação e a otimização dos possíveis recursos disponíveis, com o intuito de ajudar efetivamente as mudanças de valores e práticas, ou divulgar informações que construam uma base sustentável para as comunidades e os atendidos na ação voluntária.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o voluntariado busca os desenvolvimentos sustentados, utilizando-se de atividades comunitárias, e procurando influenciar políticas no sentido da obtenção de resultados de amplo

alcance sociocultural, ambiental e econômico nos seus sujeitos ativos. Assim, o voluntário é:

[...] o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar ou outros campos. (UNICRIO, 2008).

Ainda, o Programa dos Voluntários das Nações Unidas (VNU), afirma que suas ações se processam através de parcerias com governos, agências da ONU, bancos de desenvolvimento, organizações não governamentais e iniciativas de base comunitárias, buscando o desenvolvimento endógeno através de diferentes áreas e segmentos. Essas ações são supervisionadas por agências especializadas da ONU, o que permite maior eficácia aos objetivos propostos.

Os voluntários desse organismo internacional trabalham na cooperação para um desenvolvimento mais harmônico, apoiando as iniciativas de bases comunitárias, participando de forma direta ou indireta de ajuda humanitária, apoiando o trabalho da ONU nos campos da consolidação da paz e da promoção dos Direitos Humanos. Dados das Nações Unidas registram que os voluntários

[...] são cerca de 4.800 mulheres e homens motivados, qualificados e experientes, de mais de 157 nacionalidades, que todos os anos prestam serviços em países em vias de desenvolvimento ou economias 'em transição', como especialistas voluntários e voluntários de campo (field workers), e como voluntários nacionais, nos seus próprios países. Mais de 30.000 voluntários realizam missões durante os primeiros 30 anos de vida do Programa VNU. Atualmente, 67% deles são cidadãos de países em desenvolvimento, 33% vêm de países industrializados.(PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2008)

Outra conceituação de voluntariado está ligada à Associação Internacional de Esforço Voluntário (IAVE), que em setembro de 1990, em Paris redigiu uma

Declaração Mundial do Voluntariado, definindo-o como sendo “um serviço comprometido com a sociedade e alicerçado na liberdade de escolha. O voluntariado promove um mundo melhor e torna-se um valor para todas as sociedades” (PORTAL DO VOLUNTÁRIO, 2008).

Ainda, nos registros conceituais de voluntariado sob diferentes perspectivas, destaca-se a definição proposta na Lei nº 9.608, que dispõe sobre o Serviço Voluntário, definindo-o da seguinte forma:

Art. 1º - Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. (BRASIL, 2008)

Observa-se, portanto, que o trabalho voluntário, atualmente, é visto e entendido frente às suas conceituações e evidentes características. Mais cidadão que caridoso, o voluntário volta-se mais para educar e transformar do que simplesmente para dar, embora não seja capaz de substituir (nem é o seu propósito) as deficiências do Estado referentes a políticas públicas e ações sociais.

1.3.2 Relacionamento entre Turismo e Voluntariado

Em função das consideráveis transformações que o processo de globalização vem imprimindo sobre diversos setores da economia, o turismo enfrenta, de acordo com Molina (2003), inúmeros tipos de concorrência no que se refere a outras formas de usufruir o tempo livre. Nesse sentido e a partir das mudanças qualitativas da atividade turística, usufruir o tempo livre significa adquirir experiências. No contexto dessas observações, concorda-se com Beni (xxx) quando ele registra que “viajar é abrir novos horizontes, conhecer novas culturas, lugares e paisagens [...]. [...] a viagem rompe a rotina cotidiana, revela novos cenários e traz para a vivência dos

turistas expectativas sempre surpreendentes”.

Dessa maneira, indivíduos com grande quantidade de informação, novos padrões de consumo e comportamento, com alteração nos gostos e preferências, constituem uma demanda específica que, de acordo com Molina (2003), busca de maneira também diferenciada a realização da atividade turística a partir de experiências reais e autênticas, resultando em produtos e serviços turísticos.

Nesse sentido, foi realizado um interessante estudo desenvolvido por Yeoman et al. (2007) na Escócia. Esses autores identificaram quatro perfis de motivações dos visitantes naquele país: necessidades de capital cultural, desejos por novas experiências, turismo de negócios e busca por autenticidade. A partir dessa caracterização, construíram dois cenários com o objetivo de ilustrar as experiências de um turista autêntico.

O primeiro considera nostalgia, divertimento e peregrinação como experiências turísticas e a autenticidade se revela em função de conceitos de comunidade, consumo, ética, inovação, identidade regional e simplicidade. O segundo compreende como ponto chave a relação entre turismo e meio ambiente, onde a visitação é realizada em locais afastados, tendo o turista, como experiência desta atividade, sua auto-realização.

Nessa perspectiva e em função desses cenários, foram identificadas dez tendências capazes de compreender o turista autêntico da Escócia e, dentre elas, destaca-se a do consumo ético e voluntariado. Neste, nem a ostentação nem o sucesso pessoal são evidenciados: a experiência voluntária assume o autêntico, onde tanto a sustentabilidade como as características singulares da comunidade visitada são consideradas pelo visitante, o que torna a experiência turística ética e ainda mais autêntica.

Compreende-se, portanto, que a motivação turística dessa demanda globalizada busca por experiências até há pouco inimagináveis, cujos turistas procuram vivenciar atividades voluntárias (movidas por uma causa ou não) em auxílio aos necessitados, sejam pessoas, animais etc. Não há um consenso entre sobre a denominação desse segmento, como mostra os dados apresentados na Tabela 1, com base em busca de termos na Internet mostrou que a imprensa vem

noticiando matérias a respeito, tanto com base em depoimentos de estudiosos, quanto na atuação de agências de viagens, organizações não-governamentais e outras entidades, além de pessoas que participaram dessa experiência turística, conforme a Tabela 1.

Analisando os dados dessa Tabela, percebe-se que os estudiosos e as ONGs usam a denominação turismo voluntário, os operadores do mercado a de volunturismo, e o poder público a de turismo solidário, de inclusão, alternativo ou comunitário. Nota-se, ainda, que esse segmento se caracteriza como uma tendência em ascensão no mercado de viagens, que vem despertando a atenção das agências de turismo. Estas, procuram estimular o consumo de seus produtos pelos turistas, em especial jovens de 18 a 25 anos, ressaltando aspectos de responsabilidade social, comprometimento com o meio ambiente, alívio da pobreza etc., ao lado de possibilidades de lazer.

Em qualquer caso, os custos dessas viajantes são pagos pelos turistas, mas enquanto este escolhe o destino ao comprar de uma agência de turismo, no caso das ONGs o destino é escolhido por estas. O papel do Governo parece o de criar alguma estruturação ou base para que, em decorrência, os turistas pratiquem o voluntariado em benefício da comunidade local, com a atuação ou não de operadores do mercado. Ainda, deve-se citar que um turista que não realiza trabalho voluntário, pode ser considerado como turista voluntário ao fazer doações em centros comunitários locais. No entanto, questiona-se se esta última modalidade consistiria em um turismo voluntário, pois fica claramente caracterizada a doação de dinheiro ou bens, ou mesmo a compra de artesanato produzido por uma comunidade, e não a atuação voluntária do turista.

TABELA 1 – Destaque de matérias sobre turismo voluntário veiculadas na Internet – 2008

Título	Autor(es)	Veículo	Destaques
"Turismo voluntário" conquista adeptos no Brasil e pelo mundo	Amarílis Lage e Priscila Pastre-Rossi	FOLHAONLINE – 6/12/2008	“O termo 'turismo voluntário' se aplica a turistas que, por várias razões, prestam serviço voluntário de forma organizada em suas viagens, ajudando a aliviar a pobreza material de certos grupos sociais e a restaurar alguns ambientes ou pesquisando aspectos daquela sociedade”, disse à Folha Stephen Wearing, Ph.D. em formas alternativas de turismo e professor do departamento de lazer, esporte e turismo da Universidade de Tecnologia de Sidney, na Austrália.”
O melhor de dois mundos	Katya Dilimbeuf	ÚNICA Nº 1827 – 3/11/2007	<p>“A última tendência do turismo mundial dá pelo nome de ‘volunturismo’. Junta turismo a voluntariado e oferece uma experiência mais próxima da população local.”</p> <p>“O termo surgiu nos últimos anos entre agentes do turismo. Embora sempre tenha havido viagens de voluntariado, a novidade é esta possibilidade de associar o útil ao agradável”, cujo crescimento lebou o Lonely Planet a lançar um guia sobre volunturismo, tido como a bíblia dos viajantes^a.</p> <p>Há dezenas de agências comercializando viagens dessa natureza, principalmente nos EUA, Inglaterra, Nova Zelândia e Austrália, onde existe a tradição do “year off” (ou “gap year”)^b, sendo os hábitos do voluntariado cultivados desde a infância.</p> <p>No Reino Unido, essa “indústria atinge um quarto dos jovens entre os 18 e os 25 anos”, e está avaliada em 7,4 mil milhões de euros, com previsão de que quadruplique até 2010.</p>
Turistas voluntários passam férias em Beja para ensinar crianças e adultos a falar inglês	Associação O Círculo	O Círculo Blog Progressivo, 2008	<p>“Através do projecto <i>Férias de Voluntário</i>, criado em 1994 pela Global Volunteers^c, falantes nativos de inglês tornam-se ‘turistas voluntários’ e vão de férias para um determinado destino escolhido pela ONG.</p> <p>Nos locais de férias, durante a estadia, que é paga pelos próprios, os turistas, entre períodos de descanso e de lazer, tornam-se professores voluntários para ensinar gratuitamente crianças e adultos a falar a língua de Shakespeare.”</p>

			“A ONG mobiliza anualmente mais de 2.500 voluntários, divididos em 150 equipas, que ajudam mais de 100 comunidades locais em mais de 20 países.”
Voluntários do turismo	Journeyetc	2008	“Se você estiver interessado na conservação e ajudando as comunidades locais e, em seguida, uma ótima forma de passar as suas férias é quebrar este ano para participar de um projeto voluntário. Há centenas de diferentes projectos em redor, de emprestar uma mão na limpeza do local parques e reservas naturais, para que viagem para países do terceiro mundo para dar ajuda e apoio àqueles que vivem na e abaixo da linha da pobreza.”
Viagens Turismo Solidário	Isabela Horta	Diálogos Universitários, 2008	<p>“Turismo Solidário, de Inclusão, Alternativo ou Comunitário são alguns dos nomes usados pelo projeto coordenado pelos governos estaduais, que visa convidar o turista a praticar filantropia enquanto conhece as belezas naturais e a realidade sócio-econômica de outras regiões do país.”</p> <p>O turismo solidário pode ser praticado de diversas maneiras. A que proporciona maior contato com a realidade dos moradores da cidade é quando o turista hospeda-se nas casas das famílias e busca ajudá-las nas tarefas do cotidiano. Além disso, o turista pode prestar ajuda relacionada à sua área profissional (por exemplo: saúde, construção civil, educação). Outra forma simples de exercer o turismo solidário é fazendo doações nos centros comunitários das cidades”</p>

- (a) “Volunteer: a traveler’s guide to making a difference around the world”, por Charlotte Hindle et. Al. (Lonely Planet, 2007).
- (b) Ano destinado a viajar depois de terminado o curso superior e antes de início do trabalho profissional.
- (c) Criada em 1984, foi uma das primeiras ONGs a receber o estatuto de Consultores Especiais das Nações Unidas para o Voluntariado. Organiza projectos sociais em regime de trabalho voluntário, para promover o desenvolvimento microeconómico e humano.

Fonte: Lage e Pastre-Rossi (2008), Dilimbeu (2007), Associação O Círculo (2008), Voluntários... (2008) e Horta (2008).

Ainda nas tendências e modalidades que podem originar alguns questionamentos nos modelos de práticas voluntárias, Mendes (2008, p. 11) em sua pesquisa de mestrado, retoma Mauss (1974), relacionando a ação voluntária e suas interligações como conceito de dádiva, considerando que esta “é o ato doar livremente ou de doar algo a alguém”. Analisa o relato de experiências de missionários que atuam em diversos países a serviço da Organização Operação Mobilização – OM, e discute sobre a prática da missiologia a partir da perspectiva dos missionários e das suas ações identificando as dificuldades e os eventuais resultados obtidos nas missões.

Entre os resultados obtidos nessa pesquisa, a autora relata que “o debruçar sobre o fenômeno do voluntariado revelou as motivações dessa ação entre o voluntário missionário e o recebedor, verificando que a dádiva configura-se como elemento formativo dos elos de ambos os lados” (MENDES, 2008, p.76). Destaca-se, entre as suas conclusões, que a missão na população objeto de ação missionária busca promover melhorias nas condições humanitárias, reforçando as possibilidades, missioneiras ou não, de considerar o voluntariado uma tendência que prima pela busca de resultados em “mão dupla”, autênticos e conscientes, moldados na dádiva e na interação solidária.

Sem aprofundar essa discussão, pois cada um dessas modalidades pode apresentar características particulares, adota-se, nesta tese, o termo turismo voluntário como geral, considerando-o mais adequado aos seus propósitos, e sendo sinônimo das denominações citadas. Apesar de se contar com pouca bibliografia especializada sobre o tema, convém explicitar o seu entendimento e suas principais características, com base em pesquisas e estudos científicos e mercadológicos, o que é tratado a seguir.

1.3.3 Conceituação e Características do Turismo Voluntário

O turismo voluntário, o qual Clemmons (PORTAL DOS VOLUNTÁRIOS, 2008) chama de volunturismo, é um serviço voluntário e pode ser caracterizado através de quatro elementos: participação ativa, espontaneidade, ganhos

financeiros nulos e incidência sobre o bem comum. Trata-se de “uma experiência interativa direta, uma mudança de valor e de consciência no indivíduo que influenciarão seu estilo de vida. Ao mesmo tempo, provê formas de desenvolvimento comunitário solicitadas pelas comunidades locais” (WEARING, 2001, p. 36). Além desses elementos, sob o ponto de vista do conceito de turismo adotado pela Organização Mundial do Turismo (OMT), este deve ser uma viagem que não ultrapasse 365 dias de duração, para fora de ambiente habitual do turismo (local de sua residência) e não deve produzir ganhos financeiros.

Dessa forma, considera-se que o turismo voluntário é uma forma de turismo cujo deslocamento se dá em função da motivação de caráter solidário, da participação ativa do turista na comunidade local, da experiência que esta atividade proporciona ao visitante, da mudança de valor e consciência individual, e da influência no estilo de vida do visitante e desenvolvimento das comunidades (WEARING, 2001, 48).

Com relação ao perfil do visitante voluntário, ainda de acordo com Clemmons (PORTAL DOS VOLUNTÁRIOS, 2008), os turistas fazem parte de todos os grupos demográficos, no entanto, três características são fundamentais para determinar este perfil: tempo suficiente para gastar na viagem, adequação financeira, vontade de envolvimento em causas direcionadas ao outro e não a si mesmo. Assim, não é raro identificar que indivíduos de todas as idades participam deste tipo de turismo, no entanto, estudos como o de Simpson (2004) identificou que os jovens constituem o principal grupo de viajantes voluntários. Sob a perspectiva da escolha por destinos, os turistas voluntários tendem a optar por locais da mesma maneira como qualquer outro viajante, porém, existe uma união entre o projeto de trabalho voluntário e as atividades turísticas propriamente ditas.

Simpson (2004), estudando acerca dos viajantes voluntários e suas formas de aprendizagem, identificou a maior incidência dos programas turistas voluntários no Terceiro Mundo, combinando o hedonismo do turismo com o altruísmo do trabalho de desenvolvimento. Esse autor ainda investiga as relações entre as questões pedagógicas envolvidas e direciona suas conclusões para a

necessidade de outros estudos que indiquem orientações para esse aprendizado, realizadas a partir de experiências vivenciadas.

Assim como esse estudo, outras investigações, como Halpenny e Caissie, (2003) e Stodart e Rogerson (2006) demonstraram que as ações voluntárias produzem benefícios não apenas para as destinações, mas também para os próprios turistas, na busca de experiências marcantes que, em alguns casos, modificam suas próprias vidas. Nessa perspectiva, é importante compreender que o produto da experiência do visitante neste tipo de turismo possui ligação estreita e direta com a sua própria cultura e, também, com aquela que está visitando, ou seja, o turista voluntário, a partir das experiências vividas modifica a sua própria cultura ao passo que contribui para a modificação da cultura do local que está visitando. Dessa forma, entende-se que as experiências tornam-se um processo evolutivo, caminhando para muito além de uma visita turística (WEARING, 2001, p. 133).

Um trabalho de conclusão de curso de graduação, realizada na Universidade Federal de Pernambuco, tratou das perspectivas do turismo voluntário do Brasil, a partir das instituições que trabalham com o voluntariado em Recife. A análise preliminar dos impactos do serviço voluntário nessa cidade revelou que as ONGs pesquisadas recebem entre 1 a 10 estrangeiros por ano, sendo que uma delas envia 400 estrangeiros ao Recife³. “Os voluntários dedicam uma média de quatro a vinte horas semanais nos projetos onde atuam e 45,4% deles chegam ao Recife ou descobrem os projetos/ONGs por conta própria [...]”. Um depoimento que reúne os principais impactos desse tipo de turismo, foi dado pelo representante da NEIMFA - Núcleo Educacional Irmãos Menores Francisco de Assis⁴:

A troca de experiências (conhecimentos, práticas, informações), produz efeitos pedagógicos consideráveis tanto para os voluntários como para

³ Trata-se da ONG I to I, uma organização criada em 1994 no Reino Unido, onde atua em 24 cidades além de países da Europa, América e Oceania. Em 2004 disponibilizou 300 projetos em 24 países e encaminhou 4.000 voluntários.

⁴ Instituição que atua com jovens, crianças e idosos, principalmente nas áreas de educação, alfabetização e cidadania.

os beneficiários das ONGs. Além disso, em regiões de periferia urbana esse tipo de intercâmbio contribui para alterar a auto-imagem das comunidades. O fato de pessoas de outros países estarem circulando e prestando serviços voluntários termina por desencadear um processo positivo sobre as identidades locais, contribuindo inclusive para estimular iniciativas semelhantes no próprio contexto local. (FREIRE e LIMA, 2005, p. 78)

Outro estudo realizado por McGehee (2004), discute conceitualmente as relações entre voluntariado e turismo. Dentre os resultados obtidos, o autor sugere que o fenômeno do voluntariado no turismo insere-se no chamado “turismo pós-moderno”, e indica a necessidade de expansão da compreensão das relações existentes entre voluntários e turistas, principalmente no que diz respeito às atividades realizadas em uma destinação turística. Ainda, propõe que além da noção de turismo voluntário como uma “alavanca para desenvolvimento próprio” (do ser humano), os voluntários no turismo podem elevar sua imagem pessoal e utilizar a atividade voluntária para apresentação de propostas objetivando o desenvolvimento da comunidade visitada. (MCGEHEE, 2004. p. 26).

Concorda-se, ainda, com o pensamento de Clemmons (2008), para quem o turismo voluntário vem crescendo em função, principalmente, da internet, cuja “conectividade”, produto do processo de globalização se dá em tempo real, disseminando, cada vez mais informações, o que influencia na popularização desta atividade. Além disso, o aumento da consciência dos seres humanos voltada à compreensão e compaixão com outros povos vem aumentando, fazendo com que mais turistas vivenciem esta experiência voluntária. Ainda, destaca-se a contribuição dos meios de comunicação, com a exploração da mídia, sobre essas causas nobres.

De acordo com depoimento de Mário Carlos Beni (2008), em entrevista concedida ao autor, nas evidências entre o turismo e o voluntariado “há um certo paralelismo entre a ação franciscana, que nós descrevemos como uma ação voltada para a organização social, e para a mobilização, ao emponderamento da comunidade”, o que será visto em detalhe no capítulo 2. Esse relato reflete

exatamente o teor dos apontamentos teóricos, identificando em sua fala a visão de autores utilizados em nosso estado da arte, entre eles Stodart e Rogerson (2006) que afirmam a necessidade de interação dos sujeitos da ação para resultados inclusivos destes grupos anfitrião e visitante.

Ainda na visão de Beni (2008) “a busca do turismo endógeno, do contato mais próximo com a comunidade local, com a população do destino, hoje é um segmento importante do mercado [pois] mostram comunidades na sua essência, países com hábitos e costumes tão diferentes, tão exóticos, tão particulares, tão expressivos em seus cenários [...]”. Isto posto, reafirma a discussão em relação ao voluntariado e sua interação com o turismo, pois com a possibilidade de informações em tempo real, através de moderna tecnologia, há maior incentivo para os turistas participarem e exercerem sua responsabilidade social nas comunidades locais.

Neste sentido acredita-se caminhar num processo de verdadeiras mudanças e conquistas de novas dimensões do turismo, daí Molina (2003) chamar com muita propriedade de pós-turismo, pois é na verdade o processo em que o turista deixa de ser um mero expectador para ser um partícipe trocando experiências com a comunidade local, num verdadeiro processo de fruição e parceria.

Assim, o turismo voluntário pode ser entendido como um segmento emergente da atividade turística, cujo viajante é motivado por causas diversas e, diferente do motivo hedonista, sua procura por viagens turísticas sempre vai se pautar num turismo onde prevaleça uma ampla interação com o espaço visitado, respostas para muitas de suas indagações, satisfação social e emocional, além da própria autenticidade conquistada na sua decisão de praticar turismo.

CAPÍTULO 2

TURISMO VOLUNTÁRIO NA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO NO BRASIL: Visão dos Responsáveis na Cidade de São Paulo

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa sobre a presença do turismo voluntário na Província Franciscana da Imaculada Conceição. Contextualiza a cultura franciscana e situa a Província, atentando para seus aspectos históricos, religiosos, sociais e turísticos. Em seguida desenvolve a análise do turismo voluntário, com base em suas considerações gerais, processo do voluntariado, perfil dos turistas voluntários e reflexos do voluntariado no turismo e há hospitalidade.

2.1 Apontamentos sobre a Cultura Franciscana

2.1.1 Reminiscências sobre Francisco de Assis

São Francisco nasceu em setembro de 1181⁵ na cidade de Assis, região da Úmbria ao sul da Itália. Já adulto, entrou no exército de sua cidade de Perúgia. Foi preso, ficou doente e foi libertado, voltando para Assis. Recuperado, alistou-se

⁵ Alguns biógrafos dão o ano de 1182. De nascimento recebeu o nome de Giovanni Baptista Bernardone, dado por sua mãe Pica Bernardone, em homenagem a São João Batista. Seu pai, Pedro Bernardone, um comerciante de tecidos, estava em viagem pela França quando o filho nasceu e, ao voltar, batizou-o com o nome do menino para Francesco, que significa “francês”.

novamente no exército, desta vez respondendo aos apelos do Papa Inocêncio III⁶. Antes mesmo de chegar aos campos de batalha, ainda na cidade de Espoleto, uma noite sentiu-se mal, foi tomado de febre e teve que permanecer ali, enquanto seus companheiros continuaram a marcha.

Segundo o livro “Fontes Franciscanas e Clarianas” (Teixeira, 2004), naquela noite, Francisco teve um sonho em que era interrogado sobre suas intenções. Disse que ia para a Apúlia, para tornar-se cavaleiro. Então, lhe perguntaram:

- “Quem lhe pode ser mais útil: o senhor ou o servo?”

- “O senhor,” respondeu Francisco.

- “Então, por que preferes o servo ao senhor?”

Francisco já tomado pelo amor de Deus, indagou: - “Que queres que eu faça, Senhor?”.

E o Senhor responde: - “Volta para a terra de seu nascimento, lá te será dito o que deves fazer. (TEIXEIRA, 2004, p. 101).

Seguiu o conselho de Deus, e, segundo Lopes (1951), um dia, caminhando, viu um homem leproso vindo em sua direção e teve muito medo, porém resistiu e foi em direção ao doente. Beijou-lhe as mãos e generosamente colocou nelas algumas moedas. Continuou seu caminho, virou para trás e ainda viu o homem que sumia na distância. Reticente, pois não compreendia ainda a profundidade da experiência que viveu, pensou que talvez aquele fato fosse um chamado de Deus⁷.

O encontro com o leproso marcaria Francisco para sempre: todos percebiam sua mudança, ele que sempre estava em companhia de amigos, fazendo festa e se divertindo, agora buscava o silêncio, afastava-se dos outros e

⁶ Pontificado entre 1198 e 1216.

⁷ Próximo do fim de sua vida, Francisco explicou um dia a seus irmãos frades: *Olhem, irmãos, antes de me converter mesmo, eu sentia horror só em ver leprosos. Era-me insuportável. Mas Deus foi bom para comigo. Ele mesmo me conduziu entre os leprosos e eu tive dó, compaixão, misericórdia para com eles. E eu quis ser para eles o que Deus é: pai, irmão, amigo! A partir daquele instante, então, justamente o que antes me parecia amargo converteu-se em doçura da alma*” (Teixeira, 2004. p. 203).

caminhava pelos morros e encostas da cidade. Em uma dessas caminhadas descobriu uma pequena Capela fustigada pelo tempo e pelas intempéries. Entrou na Capela dedicada a São Damião e fez uma oração na frente da imagem de Jesus crucificado: *“Concedei-me Senhor, que Vos conheça, para poder agir sempre segundo a vossa luz e de acordo à vossa Santíssima vontade.”* Francisco, então, ouviu a voz de Cristo dizer-lhe: *“Francisco, não vês que a minha casa está em ruínas? Vai e restaura a minha igreja!”*. (LOPES, 1951, p. 55).

Francisco pensou que se tratava da igreja em que se encontrava. Vendeu alguns panos e seus bens pessoais e entregou todo o dinheiro para o padre da igreja de São Damião, que deu início à restauração da mesma⁸. Inconformado, seu pai foi ao Bispo e reclamou do comportamento do filho, que andava pedindo esmolas pelas ruas da cidade. Francisco foi chamado para explicar-se e, perante o Bispo e seu pai, renunciou aos bens que tinha direito por herança, entregando-lhes até mesmo as roupas que vestia, declarando-se servo de Deus. Tomou a bênção do Bispo, vestiu-se com uma manta e passou a cuidar dos leprosos, rezando e trabalhando incansavelmente. (LOPES, 1951).

No ano de 1209, fundou junto com doze discípulos, a família dos doze irmãos menores, início da Ordem dos Frades Franciscanos. Um ano depois, levou ao Papa as regras⁹ da nova ordem e recebeu sua aprovação, instalando-se nos arredores de Assis. A Ordem Franciscana cresceu, e recebeu dos Beneditinos a posse da igreja Santa Maria dos Anjos, difundindo por todo o mundo a fé cristã e o amor fraterno, acolhendo os necessitados, cuidando dos doentes, trabalhando, aconselhando e, principalmente, rezando por seus irmãos da Ordem, pela conversão dos pecadores, pela paz e pelo mundo. (LOPES, 1951).

Com estes mesmos objetivos, em 1212, Clara d’Offreduccio Favarone, mais tarde chamada Santa Clara, se junta a Francisco e cria a Ordem Segunda Franciscana ou Ordem das Clarissas, para receber as mulheres que queriam viver

⁸ Além da igreja de São Damião, restaurou a pequena ermida de Santa Maria dos Anjos, a Porciúncula, seu lugar predileto, que existe até os dias de hoje, e a igreja de São Pedro. Acreditava firmemente que esta era sua missão como sacerdote.

⁹ Dentre as inúmeras regras, o monge franciscano deve fazer voto de castidade, pobreza e obediência, e em toda sua vida praticar a caridade cristã, viver de modo simples e pregar o amor de Deus.

segundo o mesmo propósito que Francisco. De 1217 a 1219, Francisco dedicou-se à pregação do Evangelho em missões entre os muçulmanos que faziam guerra contra os cristãos. Viajou ao Egito e Marrocos, chegou às linhas inimigas e pregou até mesmo perante o sultão do Egito. Em seu caminho de volta do Oriente, por onde passou, realizou por sua fé milagres, exercendo a caridade, pregando o amor de Deus e usando a força da oração. (LOPES, 1951).

Em 1221, fundou a Ordem Terceira Franciscana constituída por leigos que queriam participar dos trabalhos franciscanos, visando viver o ensinamento cristão na vida em sociedade com caridade e concórdia entre os homens.

São Francisco já estava bastante doente dos olhos quando, por inspiração, retirou-se com Frei Leão e outros irmãos para o Monte Alverne, onde se alimentava apenas de pão e água. Lá disse aos irmãos: “*Sinto aproximar-me da morte e desejo permanecer solitário, recolher-me com Deus para lamentar meus pecados*” (CADERNOS FRANCISCANOS, 1997, p. 17).

Em resposta à sua fé, em setembro de 1224 São Francisco recebeu os estigmas de Cristo recebendo a graça de conhecer no corpo e na alma toda a dor e o amor da Paixão do Senhor. Voltando para Assis, em 1225, São Francisco morre e é sepultado na Igreja de São Jorge, dentro das muralhas da mesma cidade. Foi canonizado em 1228, pelo Papa Gregório IX, e em 1930 seu corpo foi transladado para a Basílica construída em sua homenagem. (LOPES, 1951, p. 152).

2.1.2 Franciscanismo no Brasil

Segundo Frei Johannes Bahlmann (2008), o franciscanismo deve ser considerado um “*estilo de vida*”, que parte do evangelho e referencia-se pela vida de São Francisco. Tem seus fundamentos em algumas regras, tais como a pobreza e a hospitalidade. A pobreza franciscana não se dá no sentido da

necessidade material, econômica, mas sim no cuidado, já explicitado anteriormente. São Francisco, segundo entrevista com Frei Johannes (2008),

[...] primeiramente acolheu e cuidou, e aqui situamos duas vertentes no sentido de cultivar o cuidado para que o ser humano possa se desenvolver de modo mais justo, mais correto, mais saudável. O que nós precisamos pensar hoje, é no cuidado que devemos ter com o meio ambiente e que devemos cuidar pensando no futuro daqueles que vem atrás de nós, e aí vem o grande ponto de interrogação: como é que nós estamos cuidando dos recursos naturais e sobretudo como estamos cuidando do ser humano? Esta então é a grande questão: como é que estamos cuidando hoje para que no futuro tenhamos também a possibilidade de viver.

Outra característica importante do franciscanismo é a hospitalidade, lembrando que Francisco de Assis, ao longo de sua vida, “foi um peregrino no meio de todos nós, vivendo no meio de todos e assumindo uma vida simples”, segundo Frei Johannes, 2008.

Então a hospitalidade é antes de tudo a possibilidade de se criar um espaço onde se pode receber alguém, é como comparar a casa aconchegante para que a pessoa possa ser recebida. E São Francisco queria fazer isso de modo muito palpável quando ele introduziu o presépio, [...], e na época do Natal ele monta um presépio vivo. Isto foi uma idéia dele, [...] então nós temos que o próprio Deus vem até a humanidade e a humanidade prepara um lugar onde que Deus possa ser nascido. Na história de Jesus Cristo, ele foi rejeitado no albergue, então ele não foi recebido por nós, então ele nasceu numa estrebaria para dizer assim de uma maneira muito simples, muito pobre, muito negado, que não teve nenhum privilégio, mas, portanto ele foi recebido pelos seres humanos e também pelos animais, presentes na criação, e uma questão mais importante que é aqui que sempre trata a hospitalidade do ser humano. (Frei Johannes, 2008).

Outra característica do franciscanismo que pode ser pensada, nos dias atuais, refere-se à sustentabilidade. Segundo Beni (2008),

As missões religiosas, não só as franciscanas, mas também as jesuíticas e tantas outras foram responsáveis pelo desenvolvimento quando nem se quer se imaginava a expressão de sustentabilidade, então foram responsáveis pelo desenvolvimento sustentável de algumas regiões de muitos países, de regiões extensas de muitos países e no Brasil não foi diferente. Especificamente, os franciscanos tiveram um papel destacado na história e no desenvolvimento do país.

Em tempos de globalização, palavras como comunicação, integração entre povos e comunidades, desenvolvimento de relações sociais, intervenção em comunidades carentes etc., devem ser remetidas aos princípios firmados por Francisco de Assis, há séculos atrás. A presença, ainda que esporádica, dos franciscanos no Brasil se dá nos princípios do século XVI, quando em 1503 ocorreu a 1ª Missão Franciscana em Porto Seguro (BA). A seguir, são apresentadas algumas datas importantes da Ordem no país, conforme a Tabela 2.

TABELA 2 – Cronologia de Acontecimentos Importantes dos Franciscanos no Brasil

Data	Descrição do Acontecimento
~ 1538-1548	Franciscanos espanhóis, em missão em S. Catarina
1585	Chegada oficial dos primeiros franciscanos em Olinda
1659	A Coroa portuguesa limita a 200 os frades da Província de Santo Antônio do Brasil
1659	Criada a Custódia da Imaculada Conceição do Brasil
1675	Autonomia da Província da Imaculada Conceição
1740	A Coroa portuguesa proíbe a aceitação de noviços na Província de Santo Antônio, até que os frades se reduzissem a 400
1757	Os religiosos perdem as "missões" indígenas, com a Reforma Pombalina / Os frades da Piedade são expulsos, de volta a Portugal
1855	Proibição imperial de noviciados em todo o Brasil

1891	Franciscanos da Saxônia chegam à Santa Catarina
1899	Compromisso de restauração da Província da Imaculada Conceição / Franciscanos espanhóis fundam uma "missão" em Goiás
1901	Autonomia da Província restaurada da Imaculada Conceição
1911	Frades portugueses fundam um Comissariado no Rio G. do Norte
1937	Frades alemães fundam um Comissariado no Mato Grosso
1943	Frades americanos fundam em Goiás um Comissariado
1947	Frades italianos fundam uma Custódia em S. Paulo
1953	Frades italianos criam no Triângulo Mineiro uma Fundação
1992	Autonomia da Vice-Província de Nossa Senhora da Assunção (MA/PI)

Fonte: Província Franciscana ... (2008).

As informações acima, ainda que não totalmente explicitadas, revelam a presença marcante dos franciscanos ao longo da trajetória histórica do Brasil, ainda que inúmeras vezes a Coroa Portuguesa tenha limitado o número de frades menores, o que apenas reafirma a presença da Ordem, tanto no período colonial, quanto no imperial e republicano.

2.2 Província Franciscana da Imaculada Conceição

2.2.1 Breve Histórico

A história da Província Franciscana da Imaculada Conceição relaciona-se aos princípios da colonização brasileira, com a presença de franciscanos na esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, quando aqui aportou no ano de 1500 (PROVÍNCIA FRANCISCANA..., 2008).

Como registro histórico temos que, em 1589 principiou-se a fundação de um Convento na “Vila de Paraíba”. Foi, também, justamente em 1589 que dois

religiosos vieram para a capitania do Espírito Santo encaminhar a fundação do Convento de Vitória, o primeiro convento franciscano nas partes do Sul, como também o primeiro da que mais tarde foi a Província da Imaculada Conceição. (KOSER, 1960, p. 26).

Conforme página eletrônica da Ordem Franciscana dos Frades Menores (FRANCISCANOS, 2008), em meados do século XVII os franciscanos conseguiram que os conventos do sul formassem uma entidade autônoma, constituindo a Custódia da Imaculada Conceição. Em 15 de julho de 1675, pelo Papa Clemente X, foi criada a Província da Imaculada Conceição, após intensas negociações em Portugal e em Roma.

A nova entidade tinha sua sede no Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro, cidade que aos poucos se destacava no cenário colonial. Também no sul do Brasil os franciscanos tiveram um vasto campo de atuação trabalhando nas missões com os índios, atuando como capelães das forças do governo, auxiliando os párocos na rotina litúrgica e nos afazeres do dia-a-dia e a todos que os procuravam em suas igrejas, sempre com afeto fraterno e acolhimento em suas necessidades, fossem materiais ou conselho de confessorário. (KOSER, 1960, p. 46).

O século XVIII, com as idéias iluministas, trouxe mudanças radicais à vida da colônia, o que refletiu de forma direta na vida dos religiosos, com um controle exercido pelo Estado absolutista¹⁰, impedindo a recepção de noviços, limitando o número de padres ativos em suas funções ou até mesmo proibindo a recepção de novos membros. Mesmo exposta ao rígido controle do Estado, da Província da Imaculada Conceição trouxe aos católicos apostólicos romano religiosos célebres à vida eclesial, a exemplo de Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro, canonizado no Pontificado de João Paulo II.

Entre fins de 1700 e inícios dos anos de 1800, os conventos franciscanos, a exemplo de outros no país, já não refletiam a atuação brilhante de períodos anteriores, com religiosos acomodados, sem o necessário vigor franciscano, tão evidente na capacidade de organização em favor de uma sociedade mais justa,

¹⁰ Período português conhecido como “Pombalino” (1750-1777).

em contraponto às medidas de convívios aos governos e uma velada rebeldia à disciplina interna da ordem, denotando desobediência aos seus superiores. Registros históricos da época mostram que este cenário não se restringia aos limites franciscanos, mas sim a toda Igreja Católica instalada no país. Como consequência deste momento histórico na religião no Brasil, nos idos de 1886, a Província que contava então com 25 religiosos em treze conventos se viu fadada a desaparecer. Com esse esvaziamento, em março do mesmo ano, restava apenas um religioso, Frei João do Amor Divino.

Este cenário de fragilidades prevaleceu por um determinado período, e, com a Proclamação da República, no ano de 1889, novos horizontes e múltiplas possibilidades surgiram, sinalizando para a Ordem, novos rumos e um futuro de grandes atuações.

Hoje, com mais de trezentos anos em nosso país, a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, com sede na cidade de São Paulo, é a mais numerosa da Ordem dos Frades Menores. Acolhe em torno de 40 frades, distribuídos por 64 fraternidades, divididas em 12 regionais, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Outras três fraternidades estão na Missão de Angola e uma na Alemanha.

Os franciscanos se apresentam também, prestando serviço em outras entidades, entre elas na Cúria Geral da Ordem e na Pontifícia Universidade Antoniana, ambas em Roma. Estão presentes em amplos projetos missionários internacionais da Ordem, em especial no Marrocos, na Tailândia e Bélgica, além de prestar apoio missionário à Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora, no estado do Mato Grosso, no Brasil.

2.2.2 Caracterização Geral

A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil é uma sociedade de caráter religioso, filantrópico, beneficente, cultural, sócio-educativo e

de assistência social, com personalidade jurídica de direito privado, de natureza associativa, apolítica e sem fins lucrativos, composta de pessoas físicas do sexo masculino e com duração por tempo indeterminado. Como se apresenta na forma de associação sem fins lucrativos, entende-se como finalidade estatutária a própria religião, o que denota uma instituição de caráter misto, religioso e assistencial¹¹. (TAGLIARI, 2008)

Todos os frades da fraternidade estão organizados e prestam serviço de evangelização, distribuídos em três grandes áreas ou secretariados: Secretariado da Evangelização, Secretariado de Formação e Estudos e Secretariado da Economia e Administração de Bens:

- Secretariado da Evangelização: tem como missão promover a ação evangelizadora na Província, por delegação do governo provincial. São objetivos deste Secretariado as contribuições para que os irmãos sejam evangelizados e evangelizem, em fraternidades, segundo o carisma franciscano, assumindo com determinação o anúncio explícito de Jesus Cristo; garantir a execução do plano operacional de cada departamento; animar os departamentos em conformidade com os estatutos do secretariado. Tem dois setores: o Setor de Evangelização em geral, que abrange paróquias, santuários, educação e comunicação e missões populares e o da Evangelização Missionária.
- Secretariado da Formação e Estudos: tem a missão de promover, por delegação do governo provincial, o planejamento, a execução e revisão dos programas do cuidado pastoral das vocações, da formação permanente, da formação inicial e dos estudos da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil.
- Secretariado da Economia e Administração dos Bens: efetua a administração econômica e financeira da Província por delegação do governo Provincial, possibilitando e facilitando uma postura gerencial transparente e co-

¹¹ É diferente de uma ONG que como uma finalidade estatutária única e exclusivamente a assistência social, ou a preservação do meio ambiente, cultura ou lazer.

responsável, buscando a parceria e partilha entre frades, casas e entidades colegiadas. (TAGLARI, 2008)

O Ministro Provincial conta com um Conselho Especial formado pelos três secretários, os moderadores da Formação Permanente e da Evangelização Missionária e os animadores do Serviço de Justiça, Paz e Ecologia (JPE) e o Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS)¹², para o planejamento, a revisão e a execução de todas as atividades da evangelização. Depois de 58 anos abrigando a sede Provincial, o Convento São Francisco, no centro de São Paulo, estava limitado, principalmente em espaços físicos, para a estrutura da Província. Essa preocupação foi solucionada quando, no Capítulo Provincial, de 2003, aprovou-se, por unanimidade, a transferência da sede para a Vila Clementino, também em São Paulo, ao lado da Paróquia e Fraternidade São Francisco de Assis¹³. (TAGLIARI, 2008)

Em termos geográficos, a Província Franciscana da Imaculada Conceição começa no Espírito Santo e termina em Santa Catarina: num extremo, o velho Convento da Penha sinaliza para a tricentenária história da Província e, no outro, a casa de Forquilha revela a nova Província, surgida depois da restauração dos missionários alemães. Situa-se nas regiões Sudeste e Sul, onde há uma complexa diversidade cultural, econômica, educacional, sem falar dos costumes, hábitos alimentares e do clima. Reúne 8 arquidioceses e 16 dioceses, onde o trabalho de evangelização perpassa as grandes metrópoles, repletas de desigualdades sociais, especialmente nas zonas rurais da região Sudeste. É predominantemente paroquial, mas é intensa no campo educacional e na formação interna. (TAGLIARI, 2008)

Outra particularidade significativa da Província Franciscana da Imaculada Conceição se dá por meio de uma relação fraterna entre os vários ramos da ordem, objetivando, assim, a plena realização. Essa cooperação da Conferência da Família Franciscana (CFF), criada em 3 de outubro de 1995, reúne ministros

¹² O Serviço de Justiça, Paz e Ecologia e o Serviço Franciscano de Solidariedade estão ligados diretamente ao Ministro Provincial e ao Definitório.

gerais da Ordem dos Frades Menores (OFM), Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv), Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap) e da Terceira Ordem Regular (TOR). Da mesma forma, em nível nacional, esta integração ocorre por meio da Família Franciscana do Brasil (FFB), cuja sede está no Centro Franciscano em Petrópolis (RJ), onde acontecem atividades para franciscanos e franciscanas¹⁴.

No âmbito da OFM no Brasil, a Conferência dos Frades Menores (CFMB) congrega onze entidades para discutir e planejar ações comuns para evangelização, formação e missão. É constituída pelas Províncias da Imaculada Conceição (SP), Santo Antonio (PE), Santa Cruz (MG), São Francisco de Assis, (RS), Santíssimo Nome de Jesus (GO) e Nossa Senhora da Assunção (MA). Atuam junto à Conferência as custódias de Sete Alegrias de Nossa Senhora (MS), São Benedito (PA) e Sagrado Coração de Jesus (SP) e as fundações de Nossa Senhora de Fátima (MG) e Nossa Senhora das Graças (PI). Nos limites do estado de São Paulo, encontram-se as fraternidades, os conventos, os postulantes, as paróquias e os santuários, que estão relacionados na Tabela 3.

TABELA 3 – Província da Imaculada Conceição do Brasil – Estado de São Paulo

Município	Fraternidade	Fundação
Agudos	Fraternidade Santo Antônio	1950
Amparo	<u>Fraternidade São Benedito</u>	1912
Bauru	Fraternidade Santo Antônio e <u>Paróquia Santa Clara</u>	1951
Bragança Paulista	Fraternidade Franciscana São Francisco de Assis	1976
Guaratinguetá	Postulantado Frei Galvão	1942
	Convento Nossa Senhora das Graças	1910
	Fazenda Esperança	1983

¹³ A partir da restauração em 1899 o Provincialado teve como sedes: Blumenau (SC) (1901-1906), Petrópolis (RJ) (1906 -1907), São José (PR) (1907 -1910), Curitiba (PR) (1910 – 1941), Pari (SP) (1941 -1945) e São Francisco (SP) (1945 – 2003).

¹⁴ Considera-se como franciscanas, as mulheres da Ordem das Clarissas e de outros ramos que foram sendo criados, na medida em que houve um avanço da participação dessas no Franciscanismo atuante.

Santos	Convento Santo Antônio do Valongo	1916
São Paulo	<u>Fraternidade Santo Antônio</u>	1916
	Convento e Santuário São Francisco	1642
	Fraternidade São Francisco de Assis	1942
	Sede da Província da Imaculada Conceição do Brasil	2004
	<u>Fraternidade Nossa Senhora do Amparo</u>	1658
São Sebastião	Fraternidade Nossa Senhora do Amparo	1658
Sorocaba	Fraternidade Bom Jesus dos Aflitos(Paróquias Bom Jesus, Santo Antônio e São Francisco)	1936

Fonte: PROVÍNCIA FRANCISCANA... (2008).

2.2.3 Ações Religiosas e Solidárias

Pelo caráter de instituição religiosa, as ações e atividades pastorais promovidas pela Província Franciscana da Imaculada Conceição incidem em obedecer aos ritos tradicionais da Igreja Católica Apostólica Romana, que compreendem as liturgias de celebração eucarística, as ações de catequese para crianças, adolescentes e adultos, a pastoral vocacional (em busca de talentos para exercer ações religiosas e eclesiais), Os projetos e programas sociais e as missões franciscanas.

Essas ações despertam o compromisso e envolvimento de novos participantes em múltiplas atividades filantrópicas, a exemplo de bazares, quermesses, festas de comemoração religiosa, conselho pastoral das paróquias com acolhida fraterna dos membros da comunidade, o “pão dos pobres”¹⁵, dentre outras (Frei Johannes, 2008)

¹⁵ Tradição do Convento de São Francisco em São Paulo: o pão é distribuído diariamente nos períodos da manhã e tarde.

Outra ação que se destaca na Província é o Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia (SINFRAJUPE)¹⁶. Apresenta-se como um serviço da Família Franciscana do Brasil que resgata a utopia de Francisco e Clara de Assis e recria o movimento franciscano como sinal do “Evangelho Vivo”. Congrega, com fraternidade ecumênica, homens e mulheres comprometidos com a espiritualidade franciscana, que se colocam a serviço da vida, principalmente onde ela se encontra mais ameaçada, agredida e violentada. (PROVINCIA FRANCISCANA ... 2008).

Entre tantas outras ações religiosas e solidárias que são desenvolvidas, destaca-se o Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS) que, em sintonia com a Política Nacional de Assistência Social, desenvolve um plano de ação orientado à implantação e ao acompanhamento de serviços e projetos no desenvolvimento de Programas de Defesa e Exercício de Cidadania e Formação Integral. As atividades nesse Serviço são realizadas em toda a Província, mas trata-se, a seguir, daquelas desenvolvidas na cidade de São Paulo, onde se encontra a maior demanda de atendidos e assistidos.

Esse Serviço se dá no atendimento à população – carente ou não – que procura os serviços sócio-assistenciais, bem como a garantia e efetivação de seus direitos e na busca de superação da desigualdade social. É considerado como agente na construção e efetivação de políticas públicas, na garantia dos direitos mínimos assegurados pela Constituição Brasileira.

Assim, busca a excelência do atendimento àqueles que necessitam, contribuindo na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, segundo o exemplo deixado por Francisco de Assis e os primeiros menores. Como entidade religiosa, não se limita à questão social, mas cuida de transmitir valores, na medida em que são esses valores que levarão à modificação da própria pessoa. Neste caminho, são propósitos conduzir a questão social e a dimensão espiritual sempre juntas.

Os seus serviços e projetos estão organizados em programas sociais nos seguintes segmentos: criança e adolescente (creches, crianças que convivem com

¹⁶ Cuja integração definitiva ao Centro Franciscano foi aprovada na Assembléia Geral de 1994.

vírus do HIV, projetos profissionalizantes, cultura, música e lazer); idosos; família (formação e cidadania, cursos profissionalizantes e informática); população em situação de rua (albergue, catadores de materiais recicláveis e centro de reinserção social); prevenção e atenção á saúde (soropositivo, atendimento e orientação, gestantes e projeto de eliminação da hanseníase); e formação e educação para o trabalho (cursos pré-vestibulares e bolsas nas universidades particulares pra afrodescendentes e carentes, cursinhos pré-técnicos, inclusão digital e alfabetização). Para todas essas ações, reúne uma legião de voluntários(as), funcionários(as), religiosos(as) e franciscanos(as). O investimento não é só na formação técnica e profissional destes, mas também na formação espiritual na linha da mística franciscana. A Tabela 4 mostra a área de atuação do SEFRAS, dividida em projetos e respectivos programas.

TABELA 4 - Atuação do SEFRAS na cidade de São Paulo

Projeto	Programa
Crianças e adolescentes	<p>Centro de defesa de direitos de crianças (Centro Infantil Clara de Assis)</p> <p>Projeto Encantando a Vida</p> <p>Projeto Oficina de Teatro</p> <p>Projeto Ballet Primeiros Passos</p> <p>Projeto Educar para Transformar</p> <p>Cefranzinho</p> <p>Projeto Cultura pela Paz</p> <p>Núcleo de Atendimento a Adolescentes em medida sócio-educativa de Liberdade Assistida</p> <p>Projeto Andorinha</p> <p>Centro de defesa de direitos de crianças (Centro Infantil Clara de Assis)</p>
Intervenção Social na área da saúde	<p>Núcleo de Apoio a Habilitação e Reabilitação Psico-social para Pessoas com Identidade Estigmatizadas: Centro Franciscano de Luta Contra a Aids; Franciscanos pela Eliminação da Hanseníase; Projeto “Casa Franciscana”</p>

Formação e Educação para o Trabalho e Renda	Núcleo de Formação e Geração de Renda: Projeto Ascavive- - Associação de Catadores; Recifran: Serviço Franciscano de Apoio à Reciclagem Centro de Informação e Educação para o trabalho, voltado para jovens e adultos: Educação e Cidadania para Afro-descendentes; Centro Social Franciscano; Info-Sefras; Projeto Perfeita Alegria; Sefras Porciúncula; Centro de Formação e Cidadania
Idosos	Centro Franciscano de Apoio à Terceira Idade Casa de Clara – Centro de Convivência e Apoio ao Idoso
Famílias	Núcleo de Orientação e Apoio Sócio-Familiar e Comunitário: Projeto Gente Viva; Projeto Fortalecer
Plantão Social e Acolhimento	Porta Aberta
População em Situação de Rua	Albergue, Núcleo de Serviços e Hotel Social: Albergue Missão Vida Nova Núcleo de Serviços com Albergue São Francisco; Hotel Social São Francisco Centro de Convivência : Centro Franciscano de Reinserção Social transformar em tabela e colocar a fonte

Fonte: PROVÍNCIA FRANCISCANA... (2008).

O SEFRAS está consolidado e pauta pelo Plano de Evangelização Provincial, aprovado no Capítulo de 2003, que traçava os objetivos para os Secretariados da Província e, dentro deles, para cada um dos Departamentos, como o de Paróquias, Santuários, de Colégio, das Missões etc. O Departamento das Obras sociais (SEFRAS) até então uma novidade, porque trouxe, concretamente, a possibilidade dos trabalhos assistenciais, já desenvolvidos pelos frades, tornou-se uma ação organizada, planejada, que levasse em conta a realidade sócio-econômica e política do país e possibilitasse a promoção da pessoa humana em consonância com a Política Nacional de Assistência Social. Hoje, muitas fraternidades aderiram a esse desafio e estão se organizando. (PROVINCIA FRANCISCANA..., 2008).

Até o ano de 2000, existiam três projetos ligados a uma Fraternidade. Hoje, são 38 serviços e projetos realizados nas fraternidades ou executados diretamente

pelo Departamento. No Estado de São Paulo, somente no centro da Capital, são mantidos, a partir do Convento São Francisco, oito serviços, atendendo diretamente mais de 7 mil pessoas¹⁷. Todo esse trabalho da Província, objetiva, através do SEFRAS, organizar, tornar mais qualificados e articular as ações realizadas pelas fraternidades. A partir da prática, da análise da realidade e da inspiração da mística franciscana está definida a missão desse Serviço: promover ações e atitudes de solidariedade com os empobrecidos e marginalizados, contribuindo para o exercício da cidadania e inclusão social, no modo franciscano de viver e anunciar o Evangelho. (PROVINCIA FRANCISCANA..., 2008).

O SEFRAS busca a salvaguarda da pessoa na sua totalidade, impulsionando o usuário a ser agente transformador da sociedade, cidadão de direito que busca sua autonomia e não a tutela. É desta forma que, através do SEFRAS, a Província Franciscana da Imaculada Conceição pretende contribuir para a transformação da realidade social. Busca ser um serviço social, fundamentado os direitos humanos e ecológicos, a partir dos princípios cristãos e franciscanos, voltado para a busca de superação da desigualdade social, articulando atendimento imediato e construção de políticas públicas que assegurem os direitos da população. (PROVINCIA FRANCISCANA..., 2008).

No entanto, o SEFRAS está consciente de não ter a resposta total aos problemas sociais, nem tampouco a pretensão de conseguir resolvê-los sozinho. Entende-se que é preciso superar certo “messianismo” característico de muitos trabalhos sociais. Por isso, articulado com outras entidades e movimentos sociais, procura, também, refletir sobre seu papel na atual conjuntura brasileira. (BALMANN, 2008).

Daí a importância do trabalho ser desenvolvido em rede no âmbito das entidades e com o poder público. Assim, cada entidade social ou movimento pode ser um agente participativo na transformação da realidade social e na garantia dos direitos mínimos assegurados pela Constituição Brasileira.

¹⁷ Com serviços existentes nos demais Estados, totaliza-se mais de 15 mil usuários.

2.2.4 Patrimônio e Turismo Religioso

Mesmo não sendo o propósito desta pesquisa discorrer sobre os bens patrimoniais, materiais ou imateriais, em especial da cidade de São Paulo, são significativas algumas considerações, pois ao se tratar de uma entidade religiosa, não há como desassociar as práticas turísticas, de motivação religiosa e/ou cultural, das práticas voluntárias. Ambas, independentemente de estarem associadas ou não, ocorrem nos espaços da Província, muitas vezes coincidentes.

O bem material franciscano inventariado a favor do turismo que se pratica na cidade, é muito rico em possibilidades de visitaço, na medida em que a Ordem proporcionou cidade legados histricos e culturais, hoje fundamentais aos mltiplos roteiros de visitao disponveis no receptivo da mesma.

Nesse sentido, interessante destacar a antiga sede da Provncia, o Convento de So Francisco, que desde 1827 abriga em seus anexos a Faculdade de Direito da Universidade de So Paulo, na poca chamada de Academia de Direito de So Paulo.

O Largo So Francisco rene um dos mais expressivos e antigos conjuntos da arquitetura religiosa da cidade de So Paulo. Depois de ter sido submetido a profundas modificaes, passou a abrigar a atual Faculdade de Direito. As trs construes que compem o conjunto – Faculdade de Direito, Convento de So Francisco e a Igreja da Ordem Terceira da Penitncia – faziam parte de uma pequena fazenda, cuja demarcao deve ter sido estabelecida em 1642. (SAMPACENTRO, 2008).

A Igreja das Chagas do Serfico Pai So Francisco¹⁸ era freqentada pela elite da poca e abriga relquias de grande parte da histria paulistana, como

¹⁸ Essa igreja foi inaugurada em 178, em taipa de pilo e embasamento de pedra⁷. Sua construo iniciou-se em 1676 e durou dcadas, at ser ampliada e se tornar uma igreja independente. “Na fase final das obras, decidiu-se que a fachada seria um prolongamento da igreja conventual e que a antiga capela, com planta octogonal, seria transformada em transepto. [...] O seu interior encontra-se bem conservado, com vrios retbulos laterais em talhas de estilo rococ. A cpula octogonal ostenta pinturas do final do sculo XVIII e, em outras dependncias, trabalhos do mesmo perodo. Abriga, ainda, na Capela de Nossa Senhora da Conceio, o antigo retbulo executado por Luiz Rodrigues Lisboa, entre os anos de 1736 e 1740”. (PRESERVA SP, 2008).

jazigos de pessoas ilustres. O Convento de São Francisco abriga também o Santuário¹⁹ que recebe visitação contínua em função, não só da sua relíquia barroca mas também por contar com um calendário de atividades religiosas que incidem em momentos de intensa participação da comunidade e dos próprios turistas em visita à cidade de São Paulo.

O tradicional Convento de São Francisco, no Largo São Francisco, foi inaugurado no dia 17 de setembro de 1647, o maior construído em São Paulo na época, já que ocupava todo o espaço que atualmente é da Faculdade de Direito. Desde o dia 6 de junho de 1997, através de um decreto do Cardeal Dom Frei Paulo Evaristo Arns, [...] passou a ser também Santuário São Francisco, já que recebe fiéis de toda a Grande São Paulo. A Festa de São Francisco, assim como a Trezena de Santo Antônio e a Novena de Santa Clara, são as principais do ano.

No dia 3 de outubro de 1226, à tarde, cantando "mortem suscepit", São Francisco morreu. No domingo, 4 de outubro, foi sepultado na igreja de São Jorge, na cidade de Assis, mas o cortejo fúnebre passou antes pelo mosteiro de São Damão, para a despedida de Santa Clara. Em 1228, no dia 16 de julho, Francisco foi canonizado. (FRANCISCANOS, 2008).

Essa facilidade em relação a caracterizar os bens patrimoniais franciscanos na região central da cidade é somada a outros legados históricos e culturais que acompanham a própria formação da cidade, a exemplo dos bens inventariados como Pátio do Colégio, Praça da Sé, Igreja de São Bento, Convento e Igreja do Carmo entre outros.

As Igrejas de São Francisco, de São Bento e do Carmo formavam um triângulo dentro do qual se concentrava o núcleo urbano da cidade de São Paulo até o século XVIII. Fora desse perímetro, na banda de além situavam-se os campos de criação de gado, as matas, as chácaras e as casas de campo. (BRUNO, 1954, p. 189).

¹⁹ O Santuário é a antiga. A partir de meados do século XVIII, a igreja passou por uma grande reforma que lhe conferiu as características externas atuais, em estilo barroco. Internamente, houve alterações no corpo da igreja com a fusão de duas capelas e a pintura do teto. No final do século XIX, um incêndio destruiu parte do convento e da capela-mor, reconstituídos em seguida. (PRESERVA SP, 2008).

Mais especificamente em relação aos bens patrimoniais franciscanos existe todo um trecho da Rua Riachuelo que proporciona ao visitante uma leitura da arquitetura da época, na medida em que existe a preocupação de se preservar esses imóveis mesmo porque também é área de interesse público, tombada pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo.

A atual rua Riachuelo, anteriormente situada nos fundos do Convento de São Francisco, era conhecida na época por beco da “Casa Santa”, devido a uma pequena casa de caridade mantida pelos franciscanos, naquele local, que atendia aos pobres dos arredores [...]. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2008).

Os frades atendem as confissões diariamente nos confessionários que foram instalados nos corredores do convento. Para se ter uma idéia deste atendimento, cerca de 2.241 pessoas procuram as confissões mensalmente. Não bastasse isso, o trabalho se estende através do serviço “Porta Aberta”, que faz um atendimento psicológico gratuito. (FRANCISCANOS, 2008).

Próximo a esse limite onde se localizava o antigo triângulo cultural religioso da cidade, já citado, tem-se, na região da Luz, o convento que leva o mesmo nome e abriga o Museu de Arte Sacra de São Paulo, com um dos mais importantes acervos da arte religiosa no Brasil. Outro fato importante relacionado ao espaço do museu é que ali se encontram as últimas Monjas Concepcionistas da Congregação de Imaculada Conceição, que até hoje vivem na clausura dentro do mosteiro, produzindo e distribuindo, aos devotos, a famosa pílula de Frei Galvão.

Frei Galvão viveu no fim do séc. XVIII [1739] e no início do séc. XIX [1822]. [...] Em São Paulo, dedicou-se à oração, a intenso trabalho, à pregação, às missões populares e à caridade. Acolhia bem as pessoas e tinha especial atenção pelos pobres, doentes e pessoas aflitas. Desempenhou vários cargos de responsabilidade na sua comunidade

religiosa. Era um "homem de Deus" e não media esforços para ajudar as pessoas a se aproximarem de Deus. Por isso, já em vida, era venerado pelo povo, que recorria a ele em suas inúmeras necessidades. (FREI GALVÃO, 2008).

Na capital paulista, frei Galvão fundou, em 1774, o atual Mosteiro da Luz. Na cidade, a devoção ao frade é sintetizada pela busca por suas pílulas, que teriam o dom de facilitar partos e curar doenças. (FOLHA ONLINE, 2008).

Cabe destacar também que neste espaço encontram-se as relíquias do Frei que foi canonizado, conforme dito anteriormente, pelo Papa Bento XVI no dia 11 de maio de 2007, durante sua visita ao Brasil, com o nome de Santo Antonio de Santanna Galvão, o primeiro santo brasileiro.

Outros bens patrimoniais materiais diretamente relacionados à cultura franciscana estão situados em praticamente toda a cidade, e em maior ou menor grau são elementos de aproveitamento turístico, a exemplo, da Igreja Santo Antonio no Pari, e a Paróquia São Francisco na Vila Clementino, atual sede da Província.

Há também de se destacar legados da cultura imaterial em função de toda uma tradição religiosa que proporciona à comunidade paulistana e aos visitantes e turistas de usufruírem desse patrimônio e/ou participarem de ritos religiosos mantidos em sua originalidade, nos limites da atuação franciscana, como, por exemplo: a Festa de Santa Clara, que ocorre em agosto, o Novena de Santo Antonio e todas as solenidades religiosas em devoção a esse Santo, e a Festa de São Francisco de Assis. Esta dura cerca de uma semana e tem uma intensa celebração litúrgica, com toda a solenidade que isso exige, em especial nos dias 3 e 4 de outubro, o Trânsito de São Francisco e o dia do Padroeiro, respectivamente. O dia 3 de outubro, data da passagem (morte) de São Francisco, é celebrado por todos os franciscanos do mundo inteiro, sendo que para muitos é mais importante do que as próprias festas natalinas.

A Paróquia e Santuário São Francisco realiza uma grande festa, de 29 de setembro a 6 de outubro, para celebrar o seu padroeiro, São Francisco de Assis - um dos santos mais queridos e populares do país.

Um dos momentos mais tradicionais desta festa é a bênção dos Animais de estimação e plantas, que acontecerá no dia 4, às 9 e às 15 horas, no Largo em frente ao Convento. "Lembramos o amor de Francisco por todas as criaturas, tão bem expresso no Cântico do Sol. Em todas as criaturas, ele via a presença de Deus. Queremos lembrar também de Francisco como o patrono da Ecologia, tão necessária em nosso mundo atual", acrescenta Severino.

A festa de São Francisco acontecerá também no Largo São Francisco, com barracas de salgadinhos, vinho do padre, queijo de Minas, artigos religiosos e artesanatos em geral. Ela se estenderá para o claustro do Convento, onde também funcionará um restaurante, oferecendo almoços e lanches. (FESTA DE SÃO FRANCISCO..., 2008)

As informações e referências registradas envolvendo os aspectos da cultura material e imaterial com características franciscanas abarcam outras possibilidades de avaliar a capacidade desta cultura, em conjunto com todos os programas e projetos promovidos pela Província, mostrando, inclusive, a dimensão destas realidades, turismo e solidariedade, no conjunto da oferta diferencial da cidade de São Paulo. Esses bens, entendidos como recursos locais que definem parte do perfil da cidade como destino turístico, permitem uma apurada leitura das múltiplas possibilidades disponibilizadas, possibilitando, em razão de novos modelos de viagens, a fruição dos bens diferenciais tradicionais e a satisfação de participar de forma ativa nas ações solidárias que complementam a viagem e os motivos intrínsecos à mesma.

2.3 Turismo Voluntário em Análise

Este item apresenta os resultados da pesquisa junto aos franciscanos e seus representantes diretamente envolvidos no turismo voluntário na sede da

Província Franciscana de Imaculada Conceição, na cidade de São Paulo. Antes de iniciar a descrição e análise dos resultados obtidos, importa citar que o autor encontrou dificuldades na coleta de dados por meio das entrevistas, pois apenas quatro dos sujeitos contribuíram com o estudo. Os outros dois, tidos como pessoas-chave para o aprofundamento das categorias de análise, mesmo mediante insistentes contatos e esclarecimentos sobre o teor da pesquisa, ou se negaram a receber o autor ou desmarcaram o agendamento repetidas vezes.

A partir desse esclarecimento, passa-se a expor os resultados nos seguintes tópicos: considerações gerais, processo de voluntariado, perfil dos turistas voluntários e reflexos do voluntariado no turismo e na hospitalidade.

2.3.1 Considerações Gerais

Qualquer pessoa que se motive a viajar como turista voluntário procura, inicialmente, conhecer quais os projetos disponíveis para a sua atuação, tanto no seu país ou local de origem quanto no Exterior. A Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil disponibiliza o voluntariado em qualquer projeto e programas do SEFRAS, oferecendo um leque de obras sociais, todas abertas à participação voluntária. Tais obras têm estreita relação com as políticas públicas, traduzindo uma preocupação inerente às atividades de voluntariado nos projetos e programas deles decorrentes:

[...] estamos consolidando a nossa ação social [...], estamos caminhando para dialogar mais com a comunidade porque hoje nós temos toda a construção das políticas públicas, em torno do social vivendo [...] de uma forma mais profissionalizada, utilizando os recursos técnicos [...].(Frei José Francisco, 2008).

[...] os projetos exigem hoje uma certa organização [...] para ser reconhecido como um projeto que pratica uma política pública [...] que possa vir a atender a demanda dessa população que está fragilizada”. Frei José Francisco, 2008).

Portanto, em relação aos projetos, evidencia-se a grande preocupação de torná-los viáveis e direcionados aos programas de inclusão social e profissional, entre outros. Neles, a inserção dos turistas voluntários é fundamental, na medida em que, conforme foi citado anteriormente, o olhar, o conhecimento e o cuidado de muitos deles, somados aos voluntários locais, pode proporcionar a interação de resultados positivos esperados de cada um destes projetos. Como confirmação desta observação tem-se o registro de opinião de Frei José Francisco que, discorrendo sobre essa realidade, cita que

[...] o CEFARAN que é o Centro Franciscano de Luta Contra a Aids é um projeto que já está consolidado [...] e a gente vem tentando cada época adaptar o projeto para atender a demanda, então isso exige de nós uma constante interação e estar também atento a realidade que nos vai interpelando a cada dia.

Todos os entrevistados citaram que o voluntariado na Província é realizado tanto por residentes locais, quanto por turistas brasileiros e estrangeiros. Obviamente os voluntários locais são em maior número do que os turistas e, dentre esses, como observado no item acima, os estrangeiros congregam o maior grupo.

Com relação aos voluntários locais, a Província tem uma parceria com o Centro de Voluntariado Paulista – CVP -, que orienta os voluntários a partir de quatro etapas, conforme registra Olívia Bufarah, Coordenadora da Casa de Clara:

- Na primeira etapa o voluntário procura o serviço de voluntariado, marca uma capacitação, quando se apresentam todas as obras da Província (projetos e programas), cujo objetivo seja a inclusão social, além de informações sobre a Província e o SEFRAS.

[...] temos várias obras que atua com portadores do vírus HIV, com moradores de rua, com material reciclável, com crianças, com idosos [...] apresenta nessa capacitação todas as nossas obras e um pouco da história da Província, do SEFRAS. (Olívia Bufarah, 2008).

- Na segunda etapa, chama-se o voluntário para uma entrevista, na qual ele diz onde acredita que se daria melhor, tanto em termos de horário, pois há pessoas que só podem trabalhar no final de semana como voluntários, quanto na sua aptidão.
- Na terceira etapa o voluntário visita as obras, mediante o agendamento com o gerente das mesmas e, havendo a empatia decide-se pelo local de trabalho, considerando que este “sempre acrescentar algo na obra”.
- Na quarta etapa o voluntário assiste a uma palestra no Centro do Voluntariado Paulista, na qual se esclarecem os seus direitos e deveres, dentre outros aspectos e, assim, está apto a fazer o cadastro de voluntário.

A respondente chama a atenção no sentido de que esta orientação, que ela considera como capacitação, propicia o maior engajamento dos voluntários:

[...] na Província os voluntários têm muita responsabilidade, a gente ouve muito, [...] não sei se pela capacitação [...] é aquele que realmente é engajado Eles são realmente pessoas que acrescentam muito nas obras. (Olívia Bufarah, 2008).

No tocante aos turistas voluntários, os respondentes se referiram principalmente aos que vêm do Exterior, e da sua inserção em qualquer projeto do SEFRAS, como se depreende da fala do Gerente de Captação de Recursos da Província:

[...] nós já tivemos diversos voluntários, atualmente temos um da Polônia e um da Alemanha. Tivemos anteriormente também outros da Alemanha, da Itália e muitos outros estrangeiros.

[...] estes estrangeiros que fazem trabalho de voluntários podem ser aceitos em qualquer unidade do SEFRAS. (Giovanni Bezerra, 2008).

A partir dessa afirmação, reforça-se a intenção da Província em contar com voluntários estrangeiros em seus projetos, até em função de toda a dinâmica e repercussão de suas ações no mundo globalizado e as inúmeras parcerias estabelecidas com outras casas franciscanas e outros agentes. Veja-se o seguinte depoimento de Frei Johannes Bahlmann:

estes voluntários podem ser paulistanos, brasileiros ou estrangeiros e nós temos, sobretudo, jovens que vem do exterior, sobretudo da Alemanha, que faz o ano social (assim é que se chama), o ano voluntário social ou então o serviço civil [...] não se fazendo o serviço militar, se faz o serviço civil. Atualmente temos aqui dois rapazes, alemães, que trabalham na Educafro e outro na creche.

Cabe aqui destacar uma das formas de voluntariado que permite aos estrangeiros, em especial alemães, a prática do serviço militar por aquilo que eles definem como “ano civil”. No momento em que se realizava a pesquisa, os anfitriões recebiam na Província dois rapazes alemães. Frei Johannes esclarece ainda que “este tipo de voluntário civil entra e tem um visto de permanência de um ano, quando o turista tem apenas 90 dias de validade, isto é um acordo bilateral entre o Brasil e os países da União Européia”.

Essa diferenciação em relação ao tempo de permanência demonstra como a legislação se aplica a voluntários que entram no Brasil, permitindo a estes um tempo maior de permanência (limite máximo de um ano), em função da ação voluntária que, na maioria das vezes, ultrapassa o limite daqueles que estão no país como turistas. Também se deve ressaltar o acordo bilateral mencionado, como característico da globalização, pois elimina barreiras e burocracias, na tentativa de parcerias, cujo alcance passa pelo voluntariado e todo o seu potencial para atuação nas mais distintas áreas.

2.3.2 *Processo de Voluntariado*

Entende-se que o processo de voluntariado dos turistas na Província, difere do processo de voluntários locais descritos no item anterior o aspecto da fase pré-voluntariado. Esta tem início com informações sobre as obras da Província e possibilidades de trabalho voluntário nas mesmas e, em alguns casos, também ocorrem orientações prévias dadas pelos franciscanos de outros países que acompanham o processo, como no caso da Alemanha:

[...] é necessária a aprovação [dos voluntários potenciais] pelos franciscanos da Alemanha que fazem o acompanhamento; só a partir disso é que nós iniciamos o processo de acolhimento deste jovem. Na Alemanha eles avaliam primeiramente a idade, [mas] hoje nós temos trabalho com voluntários mais jovens. (Giovanni Bezerra, 2008).

A partir disso, o próprio caráter das viagens e os objetivos dos projetos que alcançam o território alemão²⁰ mostram as atividades desenvolvidas no Brasil sob a coordenação do SEFRAS, destacando o relacionamento com as comunidades franciscanas na Alemanha, que adotam medidas de acompanhamento dos interessados na viagem voluntária ao Brasil. Esse acompanhamento incide em acolher os jovens e, depois de um período de relacionamentos e orientações acerca da proposta voluntária, decide-se pela viagem ao Brasil.

Não há uma formalização de critérios de aceitação de turistas voluntários, mas os respondentes tocaram em algumas características influenciadoras. Segundo Giovanni Bezerra, há flexibilidade pois não se impõe que o voluntário seja franciscano, uma vez que a própria filosofia do Franciscanismo não se fecha para outros valores, tendo uma leitura ecumênica das relações da religião de forma democrática em relação credos professados.

Outro critério refere-se à idade dos voluntários, apesar disso não ser decisivo. No entanto, a idade junto com outras características, como

disponibilidade e aptidão(ões) podem direcionar o voluntário para os projetos onde mais se identificam. Não há critérios explícitos de nível de escolaridade, sexo ou religião, segundo o seguinte depoimento:

[...] não que não possa ser feito com outros, mas hoje são selecionadas pessoas de uma certa idade e também pessoas que venham focadas em realizar um trabalho com uma carga horária de pelo menos oito horas diárias [...]. Não é exigido nível superior, inclusive, como comentei, a maioria ainda vai cursar [a universidade após a viagem]; podem ser homens ou mulheres; a religião também não fazemos exigência. (Givanni Bezerra, 2008).

Complementando essas observações, Frei Johannes indica como critérios particulares na decisão de aceitar esses interessados, algumas características emocionais e psicológicas:

[...] têm que ter uma boa dose de bom senso e também assim uma saúde psíquica bastante boa para enfrentar todas essas diferenças sociais. Pessoas complicadas, às vezes desequilibradas, não podem atuar nestas condições, pois acabam se tornando um problema, às vezes até maior. (Frei Johannes Balmann, 2008).

A partir da aceitação, há o chamado estágio de acolhimento, a partir do qual o voluntário devido onde quer atuar como tal:

[...] passam por um estágio de acolhimento, conhecem os projetos e depois eles fazem a opção de onde é que querem ficar, e não há possibilidade, por exemplo, de eles ficarem circulando por vários projetos [...]; trabalham naquele que escolheram [...]. (Frei José Francisco, 2008).

[...] temos vários voluntários em várias obras [...] apresentamos as nossas obras para que as pessoas possam escolher conforme suas aptidões e como gostariam de dar a sua contribuição [...] temos uma

²⁰ A Alemanha conta com significativo número de Frades Menores e estabelece uma relação operacional direta com a Província Franciscana Da Imaculada Conceição do Brasil.

abertura muito grande. (Frei Johannes Bahlmann, 2008).

Dessa forma, fica clara a abertura democrática no sentido de não haver uma imposição por parte dos franciscanos, mas sim a livre escolha por parte dos voluntários. Essa constatação se soma à possibilidade de diferentes formas de participação, reforçando, a aptidão, que resulta na otimização de talentos e recursos daqueles que desejam ser voluntários.

Os turistas são, também, preparados para sua atuação junto às comunidades atendidas pelos projetos. De acordo com as entrevistas realizadas, observa-se, que as ações preparatórias para atuação nos projetos do SEFRAS são similares às descritas no item anterior para os voluntários locais. Para Giovanni Bezerra (2008), essa preparação se dá em cursos específicos:

Temos vários cursos de voluntariado dentro da província e fora dela que servem para ir preparando os voluntários, tanto dos que moram em São Paulo, como os que vêm de fora, até os estrangeiros. Esses cursos também são registrados.

Em relação à inserção destes turistas, esta pode se dar de forma direcionada, pois, segundo Frei Johannes Bahlmann:

[...] como em São Paulo a gente tem pessoas aqui no convento que falam alemão [...], normalmente eles ficam em São Paulo. [...] realizam trabalho no Educafro, cursos pré-vestibulares e no Recifran que trabalha também com reciclagem e no Centro infantil, alternando os horários. (Frei Johannes Bahlmann, 2008)

Outro entrevistado, Frei José Francisco, Coordenador do SEFRAS, reforça a inserção de alguns turistas estrangeiros em São Paulo: “voluntários que vêm de origem, sobretudo da Alemanha, que vêm fazer essa experiência no Brasil, eles atuam exclusivamente aqui em São Paulo, é uma característica própria que os projetos de São Paulo têm”. Essa é uma informação significativa, pois neste destino há logística necessária para um melhor aproveitamento dos voluntários

nos projetos, tanto para a Província, quanto para os próprios participantes.

A logística e outros recursos são itens a serem considerados para a locação de voluntários locais e de turistas voluntários, ou seja, estes são locados para prestarem serviços onde houver recursos técnicos que proporcionem a consolidação do trabalho dentro dos resultados esperados.

Os turistas estrangeiros que escolhem trabalhar em obras sociais na cidade de São Paulo, normalmente residem no próprio convento, onde dormem e fazem as refeições, segundo Giovanni Bezerra. Ainda, em situações muito especiais, o turista voluntário pode circular na medida em que não encontrou convergência entre seus objetivos e os do projeto em que está inserido.

[...] eles também se sentem muito à vontade inclusive pra modificar, pra mudar de projeto caso ele não se sintam no perfil daquela obras social, ele pode mudar de o projeto, por isso ele pode também três meses em cada um pra que ele conheça mais pessoas ele escolhe o local onde ele vai se sentir a vontade também, a relação é sempre muito boa em ambas as partes. (Giovanni Bezerra, 2008).

Durante o exercício do voluntariado, os gerentes dos projetos orientam, supervisionam e registram as atividades desenvolvidas pelos voluntários, com as suas observações pertinentes à atuação do mesmo. Especificamente no caso dos turistas alemães encaminhados pela congregação franciscana daquele país, há uma “prestação de contas”, um relatório de serviços a ser apresentado no retorno, conforme Giovanni Bezerra (2008).

Ainda, durante o voluntariado, os turistas dispõem, obviamente, de algum tempo livre para usufruírem a oferta de lazer, cultura e entretenimento da cidade de São Paulo e de outras localidades do Estado ou do Brasil, pois muitos aproveitam os feriados e finais de semana ou prolongam a sua estada com esse propósito. Assim estabelece-se claramente o binômio trabalho voluntário / lazer turístico, confirmando um novo paradigma das viagens turísticas da atualidade.

2.3.3 Perfil dos Turistas Voluntários

A partir das entrevistas efetuadas pode-se perceber que não há dados organizados e disponíveis sobre o perfil e a atuação dos turistas voluntários na Província. Há distintos perfis de pessoas que atuam como voluntários nos projetos sociais envolvidos com vários problemas e dificuldades do cotidiano urbano das cidades das regiões Sul e Sudeste.

Pensa-se, a princípio, que os voluntários em geral já não se encontram ativos no mercado de trabalho, como citado por Olívia Bufarah: “o voluntário é aquela pessoa que não precisa mais trabalhar”. No entanto, em relação à Casa de Clara, onde a entrevistada é coordenadora, não é isso que acontece, pois “é aquela pessoa que está na vida ativa [...] e são pessoas que têm consciência de poder ajudar o próximo [...] pra fazer seu trabalho voluntário”.

O que se vê, então, é a caracterização de perfis diferenciados de acordo com o público assistido e, principalmente, conforme os interesses e aptidões do próprio voluntário, o que reforça a posição Clemmons (2008) para quem parte desse público é motivado a exercer trabalhos voluntários face às suas aptidões. Nos comentários dessa Coordenadora, “na casa de Clara tem mais mulheres, pelo perfil do atendimento, as pessoas que procuram a Casa de Clara normalmente são mulheres.[...] temos poucos homens [...]”.

Por outro lado, Olívia não limita o perfil voluntário ao sexo deste, pois a diversidade dos serviços prestados nos diferentes projetos pode ser direcionada mais à atuação de pessoas de um sexo ou de ambos. Ainda acrescenta que a atuação voluntária é realizada, também, por “jovens em idade [...] muito variada”, reforçando mais uma vez o pensamento de Clemmons (2008).

Especificamente em relação ao turista estrangeiro, destaca-se que este e, em sua maioria, do sexo masculino, com cerca de 20 anos e “são pessoas que ainda vão cursar a universidade e fazem a opção de fazer essa experiência no exterior num projeto social antes da universidade” (Olívia Bufarah, 2008).

Assim, as informações prestadas referendam os estudos já publicados sobre o tema, a exemplo dos resultados apresentado por Wearing (2001) e

Stodart e Rogersom (2006), entre outros, que mostra, por este segmento uma ampla procura de jovens entre 20 e 25 anos, em busca de experiências autênticas, num período de amadurecimento anterior à sua entrada na vida universitária. Estas experiências reforçam características desse turista voluntário, geralmente europeu, que se interessa por questões de ordem social, em especial nas localidades comprometidas em seu cotidiano por falta de recursos, políticas inclusivas e outras dificuldades, às vezes, de amplo conhecimento face à divulgação de notícias da mídia, em especial, eletrônica.

Outro aspecto bastante significativo em relação ao turista voluntário, mostra um relevante avanço quanto aos credos professados. Observa-se nesses sujeitos a uma atitude voluntária coletiva e, principalmente ecumênica, como expresso por Giovanni Bezerra: “temos pessoas de várias religiões, tivemos pessoas declaradas atéias e também temos evangélicos e atualmente um luterano faz trabalho pastoral aqui [...] são todos acolhidos”. Frei José Francisco, Coordenador Geral do SEFRAS, reforça esse pensamento, dizendo que

[...] independente das questões religiosas, inclusive nós temos aí dois fazendo experiências, um nem católico é, ele é luterano, filho de pastor luterano e tá [...], mas há outras formas de aproximação, por exemplo, jovens que são atraídos por projetos missionários na Europa e acabam vindo para cá, mas aí vem por uma questão mais religiosa, atraídos pela missão religiosa do que pela experiência do social [...]. (Frei José Francisco, 2008)

Como complemento destas informações, observa-se que as ações voluntárias por estarem vinculadas ao franciscanismo, atraem interessados ligados à esta cultura, o que é relevante em termos de perfil e decisão voluntária. Mas novamente reforça-se que, de acordo com Frei Johannes, em razão da própria característica franciscana:

Não fazemos uma escolha neste sentido, porque também São Francisco também foi muito aberto a todos. Não há a necessidade de ter uma característica assim específica, e sim ter um perfil que realmente mostre

com o que se deseja trabalhar, como por exemplo, pessoas que gostam de criança vão trabalhar com crianças. Tem que ter um perfil que goste de trabalhar com crianças, tem que ter condições típicas para poder lidar com isto [...]. (Frei Johannes, 2008)

Seguindo esse pensamento, ele destaca que os turistas interessados em atuar junto ao SEFRAS, precisam “ter uma abertura para lidar com aquilo que é diferente, aquilo que possa ser encarado como uma situação difícil, conflituosa socialmente”. Ainda, informa que, em vista de tantos fatores intervenientes à prática voluntária, aquele que a pratica “precisa ter muito bom senso, depois no geral não precisa ser um tipo específico, pois de acordo com o perfil nós verificamos onde a pessoa pode ser encaixada”. Frei José Francisco também afirma que: “aqui em São Paulo, os estrangeiros que vem tem esse perfil voltado para o aspecto social, claro que uma coisa não separa da outra, não se desassocia”.

Essas afirmações remetem mais uma vez à compreensão de que a ação voluntária alinha-se ao carisma franciscano, a exemplo de Francisco de Assis e seus seguidores. Por isso, existe uma significativa dose de boa vontade e fraternidade na aceitação dos voluntários, mas isto não impede que algum traço do perfil seja analisado em função dos objetivos dos projetos e das aptidões dos interessados.

Por fim, pode-se assinalar, com base nas entrevistas, que a motivação dos turistas voluntários, principalmente dos estrangeiros, apresenta-se variada, conforme o Frei José Francisco: “a fonte de onde parte a motivação há diferenças, não vem só jovens para o Brasil, motivados pelas questões da lei civil, trocar o tempo militar por uma experiência com os trabalhos sociais, não é só essa a motivação”. Outras motivações podem ser o contato com diferentes culturas, o aprendizado de outro idioma, o crescimento espiritual, o amadurecimento profissional, além claro da solidariedade para com o próximo.

A experiência turística acaba sendo enriquecedora, na medida em que possibilita diferentes vivências direcionadas a uma cooperação maior na busca de possíveis soluções. Olívia Bufarah destaca ao trabalhar com voluntários

estrangeiros há resultados positivos:

[...] é muito enriquecedora essa troca de experiência, normalmente são pessoas que estão engajadas em alguma atividade lá do exterior e quando vêm para o Brasil querem participar [...] eles entram, participam, ajudam, contribuem [...] aqueles que conseguem falar a nossa língua ou se expressar um pouco, contam também sua vivência lá fora; eles também não ficam tanto tempo no Brasil [...] eles escolhem uma obra e ficam ali uma boa parte das suas férias, participando daquela obra. (Olívia Bufarah, 2008)

2.3.4 Reflexos do Voluntariado no Turismo e na Hospitalidade

Considera-se que o voluntariado inserido como um novo segmento turístico, irradia reflexos, em geral positivos no Turismo e na Hospitalidade. Para Frei Johhanes,

A tendência de o voluntariado estar junto com o turismo é algo muito positivo porque nós vamos para um outro lugar e nos colocamos em contato com aquilo que é diferente, isto sempre nos traz uma compreensão maior daquilo que os outros são e daquilo que eu sou. Isto eu tenho como experiência própria, viajando para outros países, para ver projetos, para prestar ajuda, ajudar nas situações conflituosas, isto sempre é um aprendizado, é uma compreensão do mundo e acho que é muito importante para manter a paz entre os povos". (Frei Johannes, 2008)

Essa afirmação vem de encontro com os achados bibliográficos, em especial, às questões da hospitalidade, como descreve Lashey e Morrison (2004) e Camargo (2004) e do franciscanismo, nas obras de Boff (2003) e outros, aliados à atividade turística e suas variáveis. Nessa perspectiva, a troca de experiências e de cultura faz parte de uma construção não apenas individual no que se refere ao

desenvolvimento humano, mas também uma construção coletiva para o bem de todos, proporcionando, por meio de ações fraternas e solidárias, uma consciência arraigada nos preceitos de Francisco de Assis.

Frei Johannes Bahlmann destaca a importância do turismo associado ao voluntariado da seguinte forma:

[...] O turismo voluntário é importante porque nós precisamos conhecer o outro, veja bem, quando conhecemos e nos reconhecemos no outro é muito difícil que se faça uma guerra, se nós tivéssemos uma compreensão maior haveria menos guerras, porque guerra é sempre assim, e nós não queremos vencer um ao outro e, sim, vencer uma situação, conviver pacificamente nesse mundo. (Frei Johannes Bahlmann, 2008)

De acordo com Frei José Francisco essas práticas voluntárias são “um enriquecimento mútuo”, o que conduz a um amplo entendimento da relação que se estabelece, inclusive, na troca de experiências entre voluntário, promotor da ação social e assistidos.

Entretanto, é necessário atentar para os possíveis problemas no decorrer da atuação dos voluntários. A esse respeito, todos os respondentes não observaram aspectos negativos no decorrer dessa atuação. Registra-se a informação de Olívia Bufarah de que os voluntários

[...] nunca tiveram nenhuma dificuldade, pelo contrário, sempre foram pessoas muito abertas, com um pouco mais ou um pouco menos de dificuldade para a socialização inicial, isso é natural, mas nunca trouxeram maiores transtornos para nós, sempre foram muito tranquilos”. (Olívia Bufarah, 2008)

Destaca-se, ainda, que as realidades encontradas nem sempre são as mesmas do país de origem dos voluntários, o que torna a experiência ainda mais marcante e autêntica. Ainda Frei José Francisco afirma que:

[...] quem vem, traz uma bagagem traz uma história, uma experiência, uma cultura que na maioria das vezes é muito diferente da nossa e quando depara também com a nossa realidade muda bastante o conceito que tem [...], então esse intercâmbio faz com que a pessoa que vem de lá pra cá, o turista o voluntário, ele tenha mais conhecimento da realidade e percebe que a realidade não é assim tão desastrosa ou decadente como os meios de comunicação vendem essa imagem. (Frei José Francisco, 2008)

Sob a ótica da hospitalidade, o voluntariado também mostra seus reflexos a partir de um estilo de vida franciscano. Segundo Frei Johanes,

[...] O franciscanismo é, sobretudo, um estilo de vida a partir do evangelho tendo como modelo a própria vida de São Francisco toda a sua espiritualidade e em relação à espiritualidade também podemos pensar como São Francisco, ele que se sentiu como hóspede no mundo e faz com que todos nós também nos sintamos hóspedes, já que a nossa vida é passageira e outra questão é que o próprio Jesus Cristo como reencarnação do próprio Deus também foi um peregrino no meio de todos nós, vivendo no meio de todos e assumindo uma vida simples [...]. São Francisco então, sobretudo só queria aqui, quando tinha algum bem se precisa cuidar. Então no cuidado desses bens, a questão material e econômica é algo para se colocar de lado.

Então a hospitalidade é antes de tudo a possibilidade de se criar um espaço onde se pode receber alguém, é como comparar a casa aconchegante para que a pessoa possa ser recebida e São Francisco queria fazer isso de modo muito palpável [...]. (Frei Johannes Bahlmann, 2008)

De acordo com Frei José Francisco, quando o assunto é a hospitalidade, “[...] é difícil de falar sobre este aspecto porque a nossa ação é pautada numa hospitalidade que nos dá um norte de ação e que direciona as nossas relações, o nosso trabalho, enfim, toda a nossa presença na sociedade”. Tal afirmação novamente remete à filosofia de Francisco de Assis que sempre colocou na

hospitalidade a presença da doação e da interação fraterna.

Assim tem-se a hospitalidade pautada pela disponibilidade com os irmãos, em especial, aqueles aliados do modelo social vigente. Por outro lado, também se dá além dos limites do atendimento ao desassistido social, pois esse modelo de hospitalidade alcança uma relação maior no trato e no cotidiano das pessoas, independente de credos e status social. Par o Frei José Francisco,

[...] a nossa abertura para o trabalho, sobretudo numa linha ecumênica porque quando a gente abre pra receber um voluntário estrangeiro ou alguém que veio de uma outra nacionalidade ou cultura esses intercâmbios [...], a gente poderia chamar isso de ecumenismo, e ecumenismo é uma marca muito forte da espiritualidade franciscana. [...] Então essa acolhida, essa hospitalidade faz parte do carisma franciscano no aspecto que vem mesmo do próprio carisma que é de estar convivendo com as experiências. (Frei José Francisco, 2008)

Avançando na questão da hospitalidade, segundo Frei Johannes Bahlmann, é importante salientar que

Primeiramente, em relação ao ato de receber, temos então que o Convento de São Francisco nossa casa aqui em São Paulo é uma casa por onde passa e recebe muitas pessoas [...] faz parte da nossa casa receber todos muito bem, sejam os frades aqui do Brasil, sejam do mundo inteiro e também pessoas que conhecem nossos serviços e recebem nossa hospitalidade. Isto é uma das características dos frades menores. (Frei Johannes Bahlmann, 2008)

Essas informações mostram o movimento do franciscanismo em relação à hospitalidade em seu domínio social, sob a ótica de Lashley (2001), o que permite, inclusive, permite uma leitura histórica do processo da construção da hospitalidade na cidade de São Paulo, haja vista que, através da chegada dos franciscanos, toda uma cultura de atendimento, solidariedade e fraternidade foi instalada e perpetuada até os dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se decidiu pela pesquisa que buscava analisar o turismo voluntário, que acontece nos domínios da Província Franciscana da Imaculada Conceição, tinha-se a percepção de estar trabalhando um tema que, inusitado, merecia uma exaustiva busca de informações para a sua comprovação. Isto se deu face à análise de novos paradigmas, que remetem a muitas outras formas de se praticar o turismo, fugindo do tradicional, predominantemente hedonista.

Para se compreender a relação entre turismo e voluntariado como uma das tendências de segmentação das viagens turísticas, tendo como fundamento a mudança de paradigmas que as norteiam, foi preciso abordar aspectos relevantes sobre a Hospitalidade, o Turismo e o Voluntariado.

A abordagem sobre a Hospitalidade não poderia ter sido deixada de lado, uma vez que a cultura franciscana tem como traço marcante as relações hospitaleiras que ilustram a trajetória dos franciscanos na mística figura de seu fundador, Francisco de Assis. Partindo de seus aspectos evolutivos e dos seus domínios, chegou-se às abordagens teóricas, onde a questão da dádiva é uma referência a uma doação de fluxo contínuo que envolve a relação tripartite do dar-receber-restituir possibilitando trocas “construtivas” entre ambos os sujeitos - hóspede e anfitrião.

O Turismo, como fenômeno e atividade de grande abrangência no mundo atual foi discutido e repensado em função de suas ações predatórias e negativas, principalmente em relação ao turismo receptivo. Nesse sentido, houve a necessidade de discuti-lo em função de paradigmas que contemporaneamente indicam possibilidades de práticas turísticas mais conscientes e solidárias, sem que o turista seja obrigado a abstrair-se da fruição, mas buscando algo que o leve a experiências verdadeiramente autênticas. Nesse aspecto destacam-se as características e motivações dos turistas voluntários, que vão do cuidado à compaixão, em uma visão holística e solidária da realidade humana. Ainda tratou-se do turismo religioso, mesmo entendendo que o turismo voluntário não é

dependente da motivação religiosa. Assim também enfocou-se o turismo alternativo que reforça a intenção de se entender os novos paradigmas, podendo até se pensar no turismo voluntário como uma das suas ramificações.

No tocante ao relacionamento entre Voluntariado e Turismo, foi necessário contextualizar a ação voluntária atual desvinculando-a da caridade e do assistencialismo, conceituando-o. A título de ilustração, citaram-se alguns programas, como o das Nações Unidas e a tendência da busca pela autenticidade que vem se apresentando também no turismo. Uma das maneiras de “consumir” essa autenticidade é por meio do turismo voluntário, e isso já é uma tendência em ascensão em países da Europa, como a Escócia. Em uma rápida exploração das matérias sobre turismo voluntário na Internet, verificou-se que este se insere no âmbito de órgãos públicos, ONGs, empresas privadas (agências de turismo) e entidades religiosas. Foi interessante observar que cada um desses promotores de voluntariado parece adotar uma denominação para esse segmento: turismo solidário, comunitário, participativo, voluntário e até “volunturismo”, que pode significar algo diferente da real concepção de voluntariado e autenticidade.

Ao se propor desenvolver uma pesquisa qualitativa, a preocupação foi de restringir o número de sujeitos, face ao tempo disponível para a mesma e à problemática proposta de estudar um tema inovador. Porém isso foi uma ilusão, pois apesar do pequeno número de entrevistados (cinco), o tratamento dos dados foi exaustivo para a sistematização e organização das informações em categorias de análise. Foi um verdadeiro aprendizado de pesquisa!

Nesse sentido, destacou-se, em um primeiro momento, a entrevista com o prof. dr. Mário Carlos Beni, que por sua visão macro do Turismo, brindou o pesquisador com uma visão global e ao mesmo tempo particular sobre os rumos do turismo na atualidade.

Para demonstrar e analisar as características do turismo voluntário na Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil, optou-se por identificar a visão dos seus representantes diretamente envolvidos, apesar de lamentar não ter havido condições de incluir a visão de outros sujeitos, em especial os praticando do voluntariado. No entanto, mesmo com as dificuldades e restrição de

dois sujeitos em colaborar com a pesquisa, pode-se compor um cenário da presença do turismo voluntário na Província Franciscana da Imaculada Conceição, como um primeiro olhar a ser, futuramente, aprofundado em outras direções.

Mas antes de analisar o turismo voluntário houve a necessidade de compreender essa cultura. Iniciou-se então um breve relato de fatos relacionados à vida e ao carisma de Francisco de Assis, para em seguida discorrer também brevemente, mas de forma significativa, sobre o franciscanismo no Brasil, tendo como base fontes históricas e sites "religiosos especializados". Na descrição da Província foi realizado um exercício de síntese de informações, pois inicialmente pensou-se em abordar toda a sua extensão, o que logo se revelou impraticável, pois abrange cinco estados de duas regiões brasileiras – Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Particularmente interessante foi reunir dados sobre as ações religiosas e solidárias, sendo que estas últimas são "palco" do turismo voluntário ao lado do voluntariado praticado por residentes. Dentre as ações sociais capitaneadas pela Província, as de responsabilidade do SEFRAS – Serviço Franciscano de Solidariedade, são abertas a turistas voluntários. Como o turista voluntário tramita entre o voluntariado e o turismo, percebeu-se que seria oportuno dedicar algumas páginas sobre a representatividade do patrimônio franciscano no turismo religioso da cidade de São Paulo, onde se encontra a sede da Província.

Neste ponto destaca-se o teor das quatro entrevistas com responsáveis pela atuação dos turistas voluntários na Província, com o que foi possível finalizar esta pesquisa. No entanto, lamenta-se a falta de acesso a registros e documentos, como relatórios dos supervisores e dos voluntários, e cartas de agradecimentos ou programação de atividades, que poderiam ter permitido a expansão da abrangência e aprofundamento deste estudo.

Notou-se, pelas entrevistas, que não há um sistema organizado sobre os dados da atuação dos voluntários na Província, a partir de respostas evasivas, promessas de disponibilização de documentos e falta de colaboração de alguns sujeitos. Também foi difícil identificar, apesar do autor atuar esporadicamente como voluntário franciscano, as pessoas-chave que poderiam subsidiar a

pesquisa, na medida em que foi constada uma rotatividade entre os responsáveis pelo SEFRAS e pelo atendimento de turistas voluntários.

Já nas considerações gerais sobre o turismo voluntário, ficou claro que há um fluxo de estrangeiros, em especial de alemães, em função de estreitas relações entre ambas congregações, e dos investimentos da sociedade alemã em projetos e obras sociais no Brasil, que por vezes sustentam integralmente vários projetos, como o da hanseníase. Existem etapas de preparação, aceitação, acolhimento, orientação/capacitação e supervisão dos turistas voluntários, mas acredita-se que somente participando pessoalmente de um programa nessa condições, poder-se-á ter condições de descrever detalhadamente todo o processo.

Com relação ao perfil dos turistas voluntários, apesar de ter sido citado que estes podem ser de vários perfis, ficou claro que são principalmente jovens, com cerca de 20 anos, do sexo masculino, que aproveitam o ano civil em substituição ao serviço militar obrigatório, não são necessariamente católicos ou adeptos ao franciscanismo, e estão fortemente engajados nas questões sociais e é aproveitado conforme seus interesse e aptidões. Embora haja turistas brasileiros, estes parecem não ser significativos – aqui reside um resultado interessante, pois esse movimento turístico poderia ser mais promovido junto a jovens pré-universitários e mesmo universitários no Brasil, dentre outros perfis de turistas com responsabilidade social.

O último tópico analisado, os reflexos do voluntariado no Turismo e na Hospitalidade remetem ao carisma e a filosofia de Francisco de Assis, e se apresenta indistintamente junto aos assistidos e aos voluntários, quer sejam turistas ou não, no domínio social. Daí vem a recomendação de se aprender, junto aos franciscanos, um pouco dessa prática hospitaleira.

Por fim depreendeu-se, pelas entrevistas, que os turistas voluntários usam seu tempo livre para o lazer e o turismo, sem, no entanto, dispor de dados mais contundentes sobre os seus passeios e rotas turísticas no Brasil, especialmente em relação aos estrangeiros. Percebeu-se, também, que muitos dos motivos e benefícios dessa experiência turística se aproximam dos mesmos justificados no

turismo de intercâmbio no Exterior: contato com culturas diferentes, aprendizado de idiomas, relações sociais dentre outras. Ainda, considera-se, em suma, que os reflexos dessas viagens transcendem o próprio turismo religioso e o turismo alternativo, se constituindo em um novo segmento turístico que amálgama e integra motivações religiosas, culturais, solidárias e de lazer. Vê-se, portanto, um interstício emergente na integração entre diferentes motivações vigentes na conformação de um novo paradigma das viagens turísticas.

BIBLIOGRAFIA

ABATI, Frei Atílio. **Francisco, um encanto de vida**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ABUMANSSUR, Edin Sued (org). **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, SP: Papirus, 2003.

AGOSTINI, Frei Nilo. **Evangelização Contribuição franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALBINATI, Ana Selva Castelo Branco. **As determinações da moralidade na obra de Marx**. 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

ALENCAR, Chico. **Cântico das Criaturas**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALEXANDRE, Lílian Maria de Mesquita. **Políticas Públicas de Turismo no Nordeste nos Anos 90: o Prodetur/NE**. In: ALMEIDA, Ana Cristina Pimentel Carneiro; COSTA Lamartine P. Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas nos Brasil 1967 – 2007. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007. Disponível em <<http://www.ufpa.br/numa/images/MeioAmbiente/vol-03.pdf>> Acesso em 18 de junho de 2008.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2004. 215 p.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). **Turismo: Segmentação de Mercado**. São Paulo: Futura. 2002.

AOUN, Sabáh. **A Procura do paraíso no Universo do Turismo**. Campinas-Sp: Papirus, 2001

ARAÚJO, Humberto L. de. **De Francisco de Assis para você... paz e fraternidade**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1978.

AZEVEDO, Marcello. **Comunidades Eclesiais de Base e inculturação da fé**. São Paulo: Loyola, 1986. 416 p.

BAHR, Fábio. **Começando pelo começo: terceiro setor precisa de profissionalização. Vencer!**, Editora Escala, São Paulo, SP, Ano V, nº 57, p.44 – 49. junho. 2004.

BANDUCCI, Álvaro Barreto; BARRETO, Margarita. **Turismo e identidade local**. Campinas: Papirus, 2001.

BAPTISTA, Mario. **Turismo: competitividade sustentável**. São Paulo: Verbo. 1997.

BARBERO, Jesus Martin. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: Moraes, Denis de (org). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARQUERO, Antonio Vazquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2001.

BARRETO, Margarita. **Relações entre visitantes e visitados**: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. In: Turismo em análise, Vol. 15, Número 2. São Paulo: Aleph Editora e ECA USP, 2004..

BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização em turismo**. 5º ed. Campinas: Papirus, 2000. 274 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 9ª ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2003. 427 p. (a)

BENI, Mário Carlos. **Globalização do turismo**: megatendências do setor e a realidade brasileira. São Paulo: Aleph, 2003. 180 p. - (Série Turismo). (b)

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006. 200 p.

BERNARDI, Orlando. **Visão Franciscana da Vida e do Mundo**. Bragança Paulista: Cadernos do IFAN, 1996.

BLANCO, M. R. **Deontologia y Consciencia Turistica**. México: Diana, 1994.

BOFF, Leoarndo. **Ethos Mundial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo et al. **Fé e política**: fundamentos. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004. 216p.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BOFF, Leonardo. **Princípio – Terra: a volta a terra como pátria comum**. São Paulo: Ática. 1995.

BORDENAVE, Juan Diaz. **O que é participação?**. Editora brasiliense - Coleção Primeiros Passos. São Paulo, 1983

BOTTON, Alain de. **Desejo e Status**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Espaço social y poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. Cosas dichas. Barcelona : Gedisa Editorial, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, Debora Cordeiro. **Turistas de Negócios na Cidade de São Paulo**: um estudo de demanda segmentada. In: Revista Turismo em Análise. Vol. 17, n. 1, mai. 2006. p. 85 – 107.

BRAMBATTI, Luiz E. (org.). **Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico**. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola**: Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981

BRASIL. **Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608.htm> Acesso em 05 de maio de 2008.

BRESTIN, Dee. **The Joy Of Hospitality: recovering a lost art**. Colorado Springs, USA: Victor Books Publications, 1993.

BRUNO, Ernani da Silva. **Histórias e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, v.. 1, p. 189, 1954.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das

BUTLER, Richard W. **Desenvolvimento em turismo**: temas contemporâneos. PEARCE, Douglas G. (org); tradução Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001.

CADERNOS FRANCISCANOS 11. **O franciscanismo e as criaturas**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CADERNOS FRANCISCANOS 13. **O franciscano e o Espírito do Senhor**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 325 p.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Hospitalidade. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro**. 1ª Ed. São Paulo: Roca, 2005. Cap. 45, p. 713 – 723.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004. 96 p. – (Coleção ABC do Turismo).

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. *In*: Dencker e Bueno, **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. 148p.

CAMARGO, Luiz Octávio Lima de. **Educação para o lazer**. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMARGO, Luiz Octávio Lima de. **O que é lazer**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CARLOS, ANA F; A. & CRUZ, Rita de C. A. (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultural**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CARLOS, Ana Fani A. O turismo e a produção do não-lugar. *In*: YÀZIGI, E; CARLOS, Ana F; A. & CRUZ, Rita de C. A. (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo:

CASTELLI, Geraldo. **Turismo: análise e organização**. Porto Alegre: Sulina, 1975. 184 p.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante do século XX**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

CHEONG, So-Min and MILLER, Marc L. **Power and Tourism: a foucauldian observation**. *Annals of Tourism Research*. Volume 27, Issue 2, pages 371-390. abril 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências Humanas e Sociais**. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

CHON, Kye-Sung (Kaye); SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. Tradução de Ana Beatriz de Miranda e Silva Ferreira. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. 393 p.

COOPER, C., et al. **Turismo, Princípios e Práticas**. São Paulo: Artmed, 2001.

CORULLÓN, Monica & WILHEIM, Ana Maria. **Voluntários: programa de estímulo ao trabalho voluntário no Brasil**. São Paulo: Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, 1996

CORULLÓN, Mônica. **Voluntariado, participação e democracia**. Disponível em <www.portaldovoluntariado.org.br/site/pagina.php?idartigo=54&idmenu=46> acesso em 10 de junho de 2008.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Jovens e Participação: jovem voluntário, escola solidária**. Campinas, SP: Editora Pancrom, 2002. 27 p.

COSTA, Antonio Carlos Gomes. **Por uma cultura de cooperação**. Brasília: SEBRAE, 2002.

DAL RIO, Maria Cristina. **O Trabalho Voluntário**: uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado. São Paulo, SP: Editora Senac, 2004. 142 p

DE FRANCO, Augusto. **Pobreza e Desenvolvimento Local**. AED. ARCA: Sociedade do Conhecimento. DLIS. Brasília, 2002.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DE ROURE, Mônica & PÁDUA, Suzana Machado (orgs). **Empreendedores sociais em ação**. São Paulo. Cultura Editores Associados, 2001

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 3ª Ed. São Paulo: Futura, 1998. 286 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Thompson, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DOMENEGHETTI, Ana Maria Martins de Souza. **Voluntariado Gestão do trabalho voluntário em organizações sem fins lucrativos**. São Paulo Editora Esfera, 2001.

DONATTI, Neusa Marcondes. **O Poder Público e o Voluntariado**. Disponível em <<http://www.portaldovoluntario.org.br/site/pagina.php?idartigo=42idmenu=46>> acesso em 10 de junho de 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura Popular**. São Paulo: Perspectivas, SESC, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1991.

ECO, Humberto. **Como Se Faz Uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ENGEL, James F. **Comportamento do consumidor**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 2000.

FAÇA PARTE. **Instituto Brasil Voluntário**. Disponível em: <<http://façaparte.com.br>. Acesso em: 14 de abril de 2005.

FASSINI, Dorvalino. **Legenda dos três companheiros**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

FASSINI, Dorvalino. **Leitura espiritual e formação franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FELDER, Hilarino. **Os Ideais de S. Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1953.

FERNANDES, Rubens César. **Romarias da Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **O turismo dos deslocamentos virtuais**. In: YAZIGI, E; FESTA de São Francisco na capital. Disponível em: http://www.centrinho.usp.br/sfa/eve_01.html - Acesso em 4 de out. 2008.

FIGUEREDO, Ana Flávia de Figueiredo. **Papel e Importância da Sociedade Civil Organizada no Gerenciamento Responsável da Atividade Turística: Proposta de Parceria entre o Terceiro Setor e o Turismo**. 2003. 70 f. Monografia (Graduação em Turismo) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FILHO, Demóstenes Romano. **Os pressupostos de uma nova cultura do voluntariado**.

<<http://www.portaldovoluntariado.org.br/site/pagina.php?idartigo=67&idmenu=46>> acesso em 10 de junho de 2008.

FILHO, Demóstenes Romano. **Um novo jeito de ver, sentir e cuidar de transformação social**.

<<http://www.portaldovoluntariado.org.br/site/pagina.php?idartigo=70&idmenu=46>> acesso em 10 de junho de 2008.

FOLHA ONLINE. **Papa canoniza frei Galvão, o primeiro santo brasileiro, no Campo de Marte**. São Paulo, 11 maio 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92206.shtml> - Acesso em 3 de ago 2008.

FRANCISCANOS. **Província Franciscana Imaculada Conceição** – São Paulo – Brasil. Disponível em: http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/sfrancisco06/p_03.php - Acesso em 2 nov. 2008.

FREI GALVÃO. Disponível em: <http://www.freigalvao.org.br/> - Acesso em 34 nov. 2008.

FUSTER, Luiz Fernández. **Introducción a La teoria y técnica del turismo**. 4ª Ed. Madrid: Alianza Editorial, 1973.

GADE, Christiane. **Psicologia do Consumidor e da Propaganda**. São Paulo: EPU, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUNN, Clare A. and VAR, Turgut. **Tourism planning: basic concepts and cases**. New York: Routledge, 2002.

Hucitec, 1999.

IANNI, Octávio. **A Era do Globalismo**. 8ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

IRVING, Marta e AZEVEDO, Júlia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

HALPENNY, E. A.; CAISSIE, L. T. **Volunteering on nature conservations projects: volunteer experience, attitudes and values**. University of Waterloo, Canada. Tourism Recreation Research, 2003. vol 28. nº 23. 25-33. Disponível em: <<http://www.cababstractsplus.org/google/abstract.asp?AcNo=20043015709>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

JUNQUEIRA, Luciano Prates e Perez Clotilde (orgs). **Voluntariado e a gestão das políticas sociais**. São Paulo. Futura, 2002.

KLIKSBURG, Bernardo. **O impacto do voluntariado**. Disponível em <<http://www.portaldovoluntariado.org.br/site/pagina.php?idartigo=68&idmenu=46>> acesso em 10 de junho de 2008.

KOSER, Constantino, OFM. **O Povoamento Franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1960.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**. Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens. São Paulo: ALEPH, 2000.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing turístico e de hospitalidade**. São Paulo: Makron Books, 2000.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001. 226 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004. 424 p.

LEERS, Frei Bernardino. **Francisco de Assis e a moral cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEMOS, Leandro de. **Turismo, que Negócio é esse?** Uma Análise Econômica do Turismo. Campinas: Papirus, 2001.

LIMA, Tatiana da S. Lucas Tavares. **Voluntariado: impacto na construção de uma sociedade melhor**. 2004. 60 f. Monografia (Especialização em Gestão Solidária em Organizações Sociais). – Libertas/ Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

LOPES, P. Fernando Félix. **O poverello S. Francisco de Assis**. Braga, Portugal: Ed. Boletim Mensal, 1951.

LUCHIARI, Maria Teres; BRUHNS, Heloísa; SERRANO, Célia. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. 1ª Ed. São Paulo:

EDUC, 1996.

LYONS, K. D. **Ambiguities in volunteer tourism: a case study of Australians participating in a J-1 visitor exchange programme**. School of Social Sciences, University of Newcastle – Callaghan, NSW 2308, Australia Tourism Recreation Research, 2003 (Vol. 28, nº 3, 5-13). Disponível em: <<http://www.cababstractsplus.org/google/abstract.asp?AcNo=20043015712>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

MACEDO, Maria Joacineide de; BRITO, Suerde Miranda de Oliveira. **A luta pela cidadania dos meninos do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua: uma ideologia reconstrutora**. Psicologia : Reflexão e Crítica, v.11, n.3, p.511-522, 1998.

MACLEOD, Donald. **Turismo Alternativo: uma análise comparativa do seu significado e do impacto por ele causado**. In: THEOBALD, Willian. Turismo Global. São Paulo: SENAC, 2001.

MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MARTHALER, B. **Forerunners of the Franciscans**: The Valdenses. Franciscan Studies, 1956.

MARTIN, Valerie. **Irmão Sol – Cenas da vida de São Francisco de Assis**. São Paulo: Sá Editora, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Edusp, 1974.

MCINTOSH, Robert Woodrow. **Tourism: principles, practices, philosophies**. 7ª ed. New York: John Wiley & Sons Inc., 1995.

MCGEHEE, Nancy Gard; SANTOS, Carla Almeida. **Social change, discourse and volunteer tourism**. Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6V7Y-4GP67DB-F&_user=2479648&_rdoc=1&_fmt=&_orig=search&_sort=d&view=c&_acct=C000057504&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2479648&md5=748beea4dd6ee0fa3c3a3f7e8d3ef01b>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

MCKERCHER, Bob. A chaos approach to Tourism. **Tourism Management**, pages 425-434. Elsevier, 1999.

MEDLIK, S. et. al. **Turismo e Hospitalidade no Século XXI**. São Paulo: Manole, 2003.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MEISTER, José Antônio Fracalossi. **Voluntariado: uma ação com sentido**. Porto Alegre Edipucrs, 2003

MELO, Felipe. **Ser voluntário: uma prática de cidadania?** Disponível em <<http://www.portaldovoluntariado.org.br/site/pagina.php?idartigo=64&idmenu=46>> acesso em 10 de junho de 2008.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLETTA, Vania B. Florentino. **Turismo religioso**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2003. 67p

MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

MOREIRA, Luciana Carneiro; SIQUEIRA, Euler David. **Turismo, Cultura e Festa: um estudo de caso sobre a construção social da hospitalidade no Tanabata Matsuri**. In: Revista Eletrônico de Turismo Cultural. Número especial. 2008.

Disponível em <[http://www.eca.usp.br/turismocultural/Tanabata Matsuri.pdf](http://www.eca.usp.br/turismocultural/Tanabata_Matsuri.pdf)>. Acesso de 17 de novembro de 2008.

MORO, Serfio M. Dal. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Tradução Celso Márcio Teixeira et al. Petrópolis: Vozes, 2004.

NETO, Leandro Bertoli; SILVA, Maurício Cesar. A classificação como indutora do processo de qualificação da oferta hoteleira no Brasil. *In*: BARRETTO, Margarita (org.). **III Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2006. p. 153 – 169.

NEUMANN, Zilda Arns. O sonho só começou. **Revista ACIM**, Maringá, n. 01, maio. 2001. Entrevista concedida à Tereza Parizotto. Disponível em: http://www.uem.br/~urutagua/ru32_acim.htm.> . Acesso em: 22 de agosto de 2005.

ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

OLIVEIRA, Manfredo A. **Ética e Racionalidade Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

OMT – **Organização Mundial do Turismo** / (WTO - World Tourism Organization). Disponível em <www.world.tourism.org>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Turismo Internacional: Uma perspectiva global**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2ª ed. Porto Alegre, Bookman: 2003, 254 p.

PADILLA, Oscar de La. **El Turismo: Fenômeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

PAIVA, Maria das Graças. **Sociologia do Turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

Paulo: Editora Esfera, 1999.

PAVIANI, Jayme. **Cultura, humanismo e globalização**. Caxias do Sul – RS: Educus, 2004.

PEARCE, Douglas G. **Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo. Aleph, 2003.

PEARCE, Douglas G; BUTTLER, Richard W (orgs.). **Desenvolvimento em turismo: temas contemporâneos**. Tradução Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2002. 325 p. (Coleção Turismo Contexto).

PETROCCHI, M. **Turismo, planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

PINTO, Ernesto. **Francisco de Assis e a revolução social**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1956.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. São Paulo: Manole, 2001.

PLENTZ, Renata Soares. **Hospitalidade**: trocas humanas versus trocas mercadológicas. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano 2, p. 47 – 68, 2º sem. 2005.

PORTAL DO VOLUNTÁRIO. **Definição de voluntário pela Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE)**. Disponível em: <<http://www.portaldovoluntario.org.br/press/upload/Arquivos/109699924691.pdf>> Acesso e, 14 de abril de 2008.

PORTER, Michael E. **Vantagem competitividade: criando e sustentando um desempenho superior**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004. 512 p.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e Espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Centro de estudos jurídicos. Disponível em: http://www2.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/negocios_juridicos/pgm/cejur/0002 - Acesso em 15 de set. 2009.

PRESERVA SP. **Lista de bens tombados pelo CONDEPHAAT no município de São Paulo**. Disponível em: <http://www.preservasp.org.br/forum/index.php?topic=62.0> - Acesso em: 22 de nov. 2008.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Apresentação dos Programas dos Voluntários das Nações Unidas (VNU)**. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/unv/oque.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2008.

Projeto Criança/aids. Disponível em <http://www.peca.org.br/guia_do_voluntario.php/par> acesso em 14 de abril de 2008.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO. Disponível em <<http://www.franciscanos.org.br/>>. Acesso em 28 de outubro de 2008.

RABAHY, Wilson. **Turismo e desenvolvimento**: estudos econômicos e estatísticas do planejamento. 1ª Ed. Barueri, SP: Manole, 2003. 213 p.

REA, Lousi M. e PARKER, Richard A. **Metodologia de pesquisas**: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira.

REBOUÇAS DE OLIVEIRA, Djalma de Pinho. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 17ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002. 337 p.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Aleph, 2005. 157p.

RESENDE, Marcos Nogueira. **O Hotel Jaraguá em Varginha-MG no atendimento ao turista de negócios: reestruturação e otimização da oferta**. Trabalho de Conclusão de Curso. Poços de Caldas-MG, 2006.

RIBEIRO, Darcy. Os Brasileiros 1. **Teoria do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

RIBEIRO, Helena Charko. **A Hotelaria na cidade de Porto Alegre**: gestão de redes e gestão familiar. 2005. 192f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005. Disponível em <http://tede.uces.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11> Acesso em 20 de julho de 2008.

RIBEIRO, Helena Charko; SANTOS, Carlos Honorato S. A hotelaria na cidade de Porto Alegre: gestão de redes e gestão familiar. In: BARRETTO, Margarita (org.). **Anuário de Pesquisa do Programa de Mestrado em Turismo**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005. p. 105 – 127.

RIBEIRO, Wagner. **Noções de cultura mineira**. São Paulo: F. T. D., 1996. 296 p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Adyr Bvalastreri. **Turismo e desenvolvimento local**. 2ed. SP. Hucitec, 1999.

ROTZETTER, Anton. **Com Deus nos dias de hoje**: Curso básico de vida franciscana. Petrópolis: Vozes, 2003.

RUSCHMANN, Dóris. **Turismo e planejamento sustentável**. Campinas – SP: Editora Papirus, 2001.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.

SAMPACENTRO. **Largo São Francisco**. Disponível em: <http://sampacentro.terra.com.br/historico.asp?id=201&ph=13&hist=1> - Acesso em 15 nov. 2008.

SBERGA, Adair Aparecida. **Voluntariado Educativo**: coleção jovem voluntário, escola solidária. Campinas, SP: Editora Pancrom, 2001. 27 p.

SCHEPER, Wenceslau. **Pai-Nosso franciscano**: a oração dos cristãos meditada com Francisco de Assis. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SCHLÜTER, Regina G. **Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

SECALL, Rafael Esteve. **Turismo e Religião**: aproximación a la história del turismo religioso. Málaga: Espanha, Imagraf, 2002.

SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS. **Inculturação e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

SESSA, Alberto. **Turismo e política de desenvolvimento**. Porto Alegre: Uniontur, 1983.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

SILBERBERG, Ted. **Cultural Tourism and business opportunities for museums and heritage sites**. In: *Tourism Management*, 16 (5), 1995.

SILVEIRA, Idefonso. **O passado interroga São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **As razões do imaginário**: comunicar em tempo de revolução 1960-1990: a ficção de Almeida Faria. Salvador: FCJA: UESC, 1998. 272p.

SIMPSON, Kate. **Doing development: the gap year, volunteer-tourists and a popular practice of development**. University of Newcastle, UK. Disponível em: <<http://www3.interscience.wiley.com/journal>>. Acesso em 37 de novembro de 2008.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego, diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007.

STAMOU, Anastasia G e PARASKEVOPOULOS, Stephanos. **Images of nature by tourism and environmentalist discourses in visitors books: a critical discourse analysis of ecotourism**. D & S. p. 105-129. London: Sage Publications, 2004.

STICCO, Maria. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, s.d.

STODDART, H; ROGERSON, C. M. **Volunteer Tourism: the case of Habitat for Humanity South**. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/w18xnx6533116704/>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental**, vol. 1 (tradução Margarete Dias Público) – São Paulo: Aleph, 2000.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: meio ambiente e economia**. vol. 2 (tradução Esther Eva Horovitz) - São Paulo: Aleph, 2000

TACHIZAWA, Takeshy. **Organizações Não Governamentais e Terceiro Setor**: criação de ONGs e estratégias de atuação. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2004. 336 p.

THEOBALD, William F. **Turismo Global**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

THOMSON. John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Reflexões sobre um novo turismo**: política, ciência e sociedade. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2003. 109 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Turismo Básico**. 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

TRIGUEIRO, Carlos Meira. **Marketing e turismo**: como planejar e administrar o marketing turístico para uma localidade. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999. 85 p.

UCHOA, Rodrigo Gonçalves de Mendonça. **Turismo Voluntário**: Fator estratégico de desenvolvimento caracterizado por mudanças no paradigma moderno. Trabalho de Conclusão de Curso. Poços de Caldas-MG, 2008.

UNICRIO (CENTRO DE INFORMAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS). **Definição de voluntário**. Disponível em <http://unicrio.org.br/Textos/voluntarios_new_01.htm>. Acesso em 10 de abril de 2008.

UNV (**Programa dos Voluntários das Nações Unidas**) Disponível em <<http://www.undo.org.br/unv/oque.htm>> acesso em 14 de abril de 2008.

URRY, J. **O Olhar do Turista**: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Nobel/Sesc, 2001.

URIELY, N. et al. **Volunteering in tourism: additional thinking**. Disponível em <<http://www.cababstractsplus.org/google/abstract.asp?AcNo=20043015713>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

VASCONCELLOS FILHO, Paulo de. **Planejamento estratégico**: formulação implementação e controle. Rio de Janeiro: LTC, 1979.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. São Paulo: Record, 2002.

Voluntários Telefônica. Disponível em
<<http://www.voluntariotelefonica.org.br/Voluntario/Oque.aspx>> acesso em 14 de abril de 2008.

WAHAB, Salah-Eldin Abdel. **Introdução à administração do Turismo**: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional: teoria e prática. Trad. Luiz Roberto de Moraes Junqueira. São Paulo: Pioneira, 1991.

WAICHMAN, Pablo. **Tempo livre e recreação**. Tradução Jorge Peres Gallardo. Campinas: Papirus, 1997.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade**. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2002. 508 p.

WEARING, S. **Volunteer Tourism: experience that make difference**. School of Leisure, Sport and Tourism, University of Technology, PO Box. Lindfield, Sydney, Asutralia. Disponível em: <<http://books.google.com/books>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

WESTEIN, Art. **Segmentação de mercado**. São Paulo: Atlas, 1995.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa**: as religiões no mundo. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

YAZIGI, Eduardo. **Turismo: uma esperança condicional**. São Paulo: Global, 1999.